



Bloodycan

A SAGA DOS IRMÃOS MOOL
PARTE 2

AMANDA SCOPEL



A M A N D A S C O P E L

A SAGA DOS IRMÃOS MOOL
PARTE 2

2º edição
Amanda Scopel
Itu, 2020

Copyright © 2020 by Amanda Scopel
Todos os direitos reservados.

Título:

BloodLycan: a saga dos irmãos Mool - parte 2

Revisão:

Autora

Capa, Ilustrações, Projeto Gráfico e Editoração:

Amanda Scopel

www.amandascopel.com

Impressão e Acabamento:

Letras e Versos

www.letraseversos.com.br

S422b_Amanda Scopel

BloodLycan: a saga dos irmãos Mool - parte 2 / Amanda Scopel.

2. ed. - Rio de Janeiro: Letras e Versos, 2020

Esta obra é uma produção independente.

Copyright [2020] by Amanda Scopel

Impresso no Brasil

Todos os direitos desta edição reservados à autora da obra.

1. Ficção e contos brasileiros 2. Literatura brasileira

Índice para o catálogo sistemático.

1. Ficção e contos brasileiros CDD B869.3

2. Literatura brasileira CDD B869

ISBN 978-85-924739-1-4 (1º edição brasileira)

ISBN 978-85-924739-4-5 (2º edição brasileira revisada)

2º Edição: Outubro, 2020

Amanda Scopel

Agradecimento

Primeiramente gostaria de agradecer a Deus, a minha família por todo o suporte, a meu grande amigo escritor, Pedro Elefante, que me deu muitas dicas valiosíssimas sobre a escrita, junto de suas opiniões e sugestões acerca da história.

Sou muito grata também aos meus amigos Daniel Vieira, Camila Espinosa e Jaqueline Mariano, pois suas opiniões foram muito importantes para o desenvolvimento e publicação deste livro.

Também agradeço ao Ricardo Abreu Caldeira, que me ajudou muito com sugestões e dicas sobre as localidades e nomes das mesmas.

Dedico este livro a todos vocês e serei eternamente grata!

Muito Obrigada! ^__^



Ilustração representando a todos citados acima.

Sumário

CAPÍTULO 1: *Lua Cheia*

CAPÍTULO 2: *Marshmallows*

CAPÍTULO 3: *Novos Ares*

CAPÍTULO 4: *Membros da Alcateia*

CAPÍTULO 5: *Flor Dourada*

CAPÍTULO 6: *Despedida*

CAPÍTULO 7: *Correntes*

CAPÍTULO 8: *Wolf Pack*

CAPÍTULO BÔNUS: *O Início do Raio de Sol*

Capítulo 1

Lua Cheia

A escuridão dominava o ambiente e Jennifer escondia-se dentro de um armário antigo na cozinha. Sua mãe ordenou que entrasse naquele “esconderijo” apertado e antes de deixá-la, fizera um sinal de silêncio. Assim ela permaneceu e tentava controlar sua respiração acelerada, devido ao medo que sentia. Seus olhos rodeavam o enorme cômodo, através dos pequenos buracos esculpidos na madeira.

Chovia muito naquela noite e os trovões só contribuíam ainda mais para a inquietação da garota. Alguma coisa entrara na cozinha e havia feito a mesa de madeira ranger, também escutara alguns rosnados, como se um cão farejasse o local. Seu coração disparou ao se deparar com aqueles grandes olhos amarelos, que avançou em direção ao armário.

Jennifer gritou e despertou com seus caninos latejando e os olhos brilhantes, iguais ao do animal em seu pesadelo. Rosnara baixo, mas acordara a todos, que dormiam no quarto. Era a primeira vez que sonhava com tal criatura e pareceu muito real. Sentia muita dor em todo seu corpo, que teve dificuldade em conter as lágrimas, enquanto perguntava:

— Allec... O que está acontecendo?

— Está na hora! — afirmou John se levantando da cama.

— O quê? — perguntou confusa.

— Precisamos te levar ao bosque Jenny... — Allec disse e observou a lua cheia pela janela.

— Mas por quê? — Jenny perguntou encarando a todos.

— Você é uma de nós agora querida. — respondeu Acira.

— Uma lobisomem? — perguntou os encarando perplexa, mas não conseguiu prestar atenção na resposta que viera a seguir, por causa da imensa dor que sentira em seus ossos, que estralavam como se estivessem sendo quebrados e começou a chorar e gritar de dor.

— Temos que ser rápidos e silenciosos, vamos pelos telhados. — John ordenou saindo pela janela, sendo seguido por Acira. Allec virara de costas para Jennifer, agachou-se e disse:

— Suba nas minhas costas Jenny e não solte por nada.

Ela obedeceu e Allec fora até a pequena varanda do quarto, flexionou os joelhos e saltou até o terraço do hotel em que estavam hospedados. Previsto tal situação, eles reservaram o sexto andar, que era o último do prédio. Ao chegar ao telhado, seu irmão e cunhada os aguardavam.

John o encarou e apenas assentiu positivamente com a cabeça e correu rumo ao bosque, saltando por mais dois prédios menores, até que alcançaram as

árvores, utilizando-as de apoio para aterrissarem ao chão. Eles sabiam que cedo ou tarde isso iria acontecer, por isso sempre escolhiam se hospedar em hotéis baratos e próximos de lugares que lhe proporcionavam conforto.

— Aguarde firme Jenny! — afirmou Allec, começando a correr, já dentro do bosque.

Após adentrarem alguns quilômetros na floresta, Allec soltou um grito de dor, pois Jennifer o mordera no ombro, chamando a atenção de John e Acira, que pararam de correr.

— Solte-a Allec! Não é mais a Jennifer que está no controle agora! — John gritou enquanto arrancava a roupa de seu corpo para se transformar.

Allec caíra no chão e Jennifer afastou-se dos três, começando a mesclar rosnados e gritos bem altos e seus ossos faziam muito barulho, por causa da transformação que se iniciara.

— Cerquem-na! — ordenou John, já com os olhos e garras lupinas amostra. Acira e Allec obedeceram e também começaram a se transformar.

Os três já estavam em suas posições e em suas formas de lobos. Como era a primeira vez de Jennifer, sua transformação demorou alguns minutos a mais, devido ao corpo não estar acostumado. Os gritos cessaram-se e a loba começou a se levantar. Sua pelagem era castanha, com alguns tons que lembravam o chumbo e outros tons de algodão. Seus olhos eram amarelados e ao notar que encontrava-se cercada, começou a eriçar seus pelos e mostrar suas presas afiadas em sinal hostil.

John retribuíra o gesto e se aproximava devagar.

— O que vai fazer John? — Allec perguntou.

Jennifer avançou e John se esquivou, quando foi dominá-la, ela jogou seu corpo para o lado oposto à mordida e correu em direção aos arbustos.

— Não a deixem fugir! — gritou John indo logo atrás, sendo seguido por Acira e Allec.

A floresta dominada por uma penumbra dificultou a perseguição, mas graças aos olfatos apurados, seguiam na trilha certa.

John uivara ainda correndo, em sinal de posicionamento, no qual eles utilizavam para se dividirem e cercarem uma presa em fuga. Acira e Allec responderam ao uivo. Por sorte, Allec seguira na mesma trilha de Jennifer e conseguira encurralá-la em um barranco, com uma enorme raiz. Jennifer tentou escalar, mas em vão. Sua única saída era passar pelo lobo a sua frente. Eriçou novamente os pelos e rosnava para Allec, que hesitava.

— Jenny? — perguntou e foi andando para trás, a cada passo que ela dava em sua direção.

Ela avançou como um foguete, surpreendendo Allec, que ficou sem reação e quando foi mordê-lo John a dominara, mordendo-a no pescoço e derrubando-a no

chão.

— Pare, você irá matá-la! — Allec ia correr pra cima de John, mas fora interrompido por Acira.

— Calma Al, ele só está demonstrando a ela quem está no comando, porque os transformados não falam como nós.

Allec se acalmou e voltou a encará-los.

Jennifer tentava reagir, mas John era o dobro de seu tamanho e bem mais forte. Não demorou muito para que começasse a choramingar, em sinal de submissão. John soltara seu pescoço, mas ainda sobre o corpo da loba, ele continuou rosnando. Ela não reagiu e entendeu que ele era o alpha.

Allec e Acira se aproximaram e a farejaram. Jennifer ainda emitia alguns rosnados para eles, mas foi só John lhe dar outra mordida, para ela se tornar mais passiva.

John saíra de cima dela e deixou que se acostumasse com Acira e Allec.

— Jenny? — perguntou Allec.

— Ela não consegue falar como nós Allec, pois está em seu estado primitivo. — disse John.

— Mas também não é impossível... — Acira instintivamente foi até John e se esfregou rapidamente nele, demonstrando a Jennifer, que ele era propriedade dela.

Jennifer observava o casal alpha e voltou sua atenção para o lobo que a farejava. Allec. Ela o farejou de volta e sentiu o cheiro familiar, começou a abanar a cauda e soltava pequenos choros lupinos.

— Ela reconhece seu cheiro Allec... Vamos, precisamos alimentá-la, antes que ataque alguém... — comentou John, guiando o caminho.

— Certo! — disse Allec após lambê-la e seguiu o mesmo caminho do irmão.

Jennifer os acompanhou e foram em busca de alguma presa.

Jennifer despertou sentindo um calor reconfortante em seu rosto, devido ao facho de luz do sol, que infiltrava-se entre as árvores da floresta. Sentiu uma almofada peluda, em que sua cabeça repousava. Seus olhos se arregalaram ao notar que sua “almofada” respirava e pulou para trás. Olhou em volta e havia mais dois seres enormes, que dormiam ao seu redor.

— Que lugar é este? — perguntou a si mesma, falando bem baixinho. Observou o lobo de pelagem negra e cinzenta, no qual tinha repousado sua cabeça. — Al, é você? — perguntou sussurrando, pois ainda não os havia visto em suas formas lupinas.

O lobo despertou e fitou a moça. A lambeu na face e disse:

— Bom dia Jenny...

Jennifer notara que ele a observava dos pés a cabeça e caiu em si, de que estava pelada. Ela corou muito e disse cobrindo suas partes íntimas. — Ai meu Deus, onde estão minhas roupas? Como vim parar aqui?

— Não se lembra de nada? — Allec sentara de frente pra ela agora.

— Só do pesadelo que tive e da dor quando acordei... Depois acho que apaguei.

— Você se transformou... — John comentou e se espreguiçou.

— Igual a vocês? — perguntou vermelha.

— Sim querida. — Acira respondeu e bocejou.

— Mas como? Eu não me lembro de ter sido mordida...

— Foi o meu sangue Jenny, quando foi baleada, você precisou beber um pouco para se curar. — respondeu Allec.

— Entendo... Eu machuquei alguém?

— Não, nós a mantivemos sob controle. — Acira respondeu se levantando e notara que Jennifer sentia-se desconfortável entre os rapazes. — John, Al, vão indo na frente está bem, vou pegar algumas roupas pra Jenny. Venha comigo querida.

Os dois machos a fitaram e obedeceram. Após sumirem nas árvores, John comentou:

— Bela escolha irmão... É uma bela fêmea.

— Obrigado. — respondeu ficando envergonhado, pois nunca havia visto Jenny sem suas roupas.

Após os machos se afastarem, Jennifer agradeceu à Acira, se sentindo envergonhada.

— É que eu e Allec nunca... Nós nunca... — ela pareceu se enrolar com as palavras e ficava cada vez mais vermelha.

— Não precisa se explicar, tudo há seu tempo. — Acira disse e começaram a caminhar.

Jennifer retribuiu com um sorriso amistoso e perguntou:

— Obrigada novamente, mas mudando de assunto, por que eu não me lembro de nada da transformação, assim como vocês?

— Eu considero isto um mistério até hoje.

— Já houveram outros transformados, que conseguiram se comunicar e se transformar sem a lua cheia?

— Eu nunca conheci nenhum que fizesse tal ato, mas já ouvi diversas histórias, houve até um que se tornou alpha, há muitos anos atrás e cruzou com a linhagem nobre, que geraram muitos herdeiros saudáveis.

— Você, Allec e John são nobres?

— Sim, nossas linhagens descendem de grandes líderes.

— Puxa! — Jennifer afirmou surpresa.

— Mas não se preocupe em relação a isso querida... Mesmo não sendo de linhagem nobre, aposto que você e Allec teriam filhotes maravilhosos! — Acira comentou rindo.

Jennifer ficou vermelha igual a uma pimenta pela sinceridade de Acira e imaginara ela com muitos filhos, junto de Allec e suas palavras quase não saíram junto de uma gagueira.

— Creio que ainda é muito cedo pra pensar sobre isso!

— Relaxe, eu só estou brincando querida! — Acira sorriu se divertindo por deixá-la sem jeito.

— Tudo bem... Mas falando em filhotes, pra quando é o seu?

Acira ficou sobre duas patas, pois ainda estava em sua forma lupina e tocou seu ventre. — Eu acredito que pra daqui a algumas semanas, mas temos tempo ainda.

— Só isso? Mas não faz nem três semanas que soube da gravidez! — Jenny afirmou surpresa.

— Nossos organismos são diferentes, as gestações dos lycans são semelhantes as dos cães, porém com um pouco mais de tempo.

— Saquei... — respondeu Jennifer, mas ainda curiosa, perguntou: — Sobre o parto... Você os terá nesta forma?

— Ouvi dizer que as fêmeas geralmente parem em forma humana, mas também pode acontecer na forma de loba. — comentou Acira, enquanto se transformava em humana e continuaram a caminhar.

John e Allec esperavam no hotel assistindo TV. Por causa da inquietação de ambos, por não saberem onde suas companheiras estavam, eles praticamente pularam do sofá quando as viram abrir a porta.

— Por que demoraram tanto? — perguntou John.

— Demos uma pequena volta pra conhecer o bairro, me desculpe por preocupá-los. — disse Acira abraçando-o.

— Al! — Jennifer correu e o abraçou. — Desculpa a demora.

— Tá tudo bem Jenny. — ele retribuiu o abraço.

— Precisamos conversar... — ela sussurrou em seu ouvido, mas todos ali presentes escutaram, por causa da audição apurada.

— Está bem... Vamos dar uma volta... — disse ficando envergonhado, devido aos olhares dos alphas, que os observavam. O jovem casal se despediu e se retiraram do quarto.

Após fecharem a porta o casal alpha se entreolhou e ele levantou o queixo dela, para que a beijasse.

— Como vocês estão? — John perguntou sobre ela e o bebê, enquanto a acariciava no ventre.

— Muito bem, obrigada! — ela o beijou.

— Eu já estava sentindo saudades... — disse entre os beijos e a mão de John começou a descer para o sexo dela e se aprofundaram em um beijo quente e selvagem.

Jennifer e Allec caminhavam devagar e de mãos dadas pela pequena praça, que ficava próxima ao hotel. Allec a observava fascinado, pela beleza e gestos graciosos que a jovem emitia. Ela notara que ele a fitava e lhe direcionou um sorriso.

— Sabe Al, eu fiquei curiosa sobre como eu sou depois de... Você sabe...

— Como loba? — perguntou baixinho, pois passavam entre alguns humanos.

— Sim...

— Você é linda, do mesmo jeito que é agora!

— Obrigada, mas eu tava falando sobre a minha pelagem.

— É encantadora! Sua pelagem é de um castanho, com tons cinza e brancos...

— Puxa... Eu gostaria tanto de estar consciente na hora... — disse observando a própria mão, como se procurasse vestígio da transformação e continuou: — Não há uma maneira de aprender a controlar? Assim como vocês fazem?

— Meu pai dizia que os transformados precisam de uma âncora, que os mantenham conscientes... Algo ou alguém que prendesse sua consciência na hora da transformação... Mas como isso funciona você terá que descobrir.

— Então há um meio. — ela disse se sentando em um banco e Allec apenas acenara positivamente.

— Mas não se preocupe, nós tomaremos conta de você quando estiver fora de controle.

— Mesmo assim, ainda tenho medo de machucar alguém...

— Você não irá machucar ninguém... Eu não vou deixar! Eu prometo! — Allec afirmou e a beijara.

Ela agradeceu em um sussurro entre os beijos, em seguida deitara sua cabeça no ombro dele, que a abraçou.

Para o jovem casal o mundo havia parado e apenas apreciavam as carícias um do outro. Eram aproximadamente 11h00 e o movimento de pessoas tinha aumentado. Em um instante, Allec sentira alguém passar muito próximo a eles, que o fizera arrepiar seus pelos com um calafrio na espinha e interrompera o beijo quente de Jenny. Seja lá quem fosse, desaparecera na multidão em questões de segundos.

— O que foi Al, está tudo bem?

— Está! Não foi nada... — olhou ao redor e se levantou. — Vamos voltar para o hotel Jenny... Está quase na hora do almoço.

— Está bem.

Capítulo 2

Marshmallows

John e Acira estavam deitados no pequeno sofá com a TV ligada, porém nenhum dos dois demonstrava interesse pelo conteúdo que passava.

Acira encontrava-se entre as pernas de John, que cochilava, enquanto ela mexia nas unhas e roia algumas. Em seguida ela pegou a mão dele, que se apoiava no joelho e a analisou.

— Está precisando cortá-las John...

— Sou um lobo, os lobos tem garras. — disse sonolento sem abrir os olhos.

— Não em forma humana, deixe-me cortá-las. — começou a beliscar a unha do indicador dele com os dentes e enfiou o dedo em sua boca, tentando provocá-lo.

— É melhor parar Acira... — disse abrindo os olhos.

— Cansou foi? — Acira tirara o dedo de sua boca e sorriu. — Eu ganhei então!

— Não é isso, os garotos estão chegando... E você ganhou a batalha desta vez, mas não a guerra.

— Conversa fiada! — disse deitando-se no tórax dele e apertando sua bochecha.

O casal alpha se assustou com as batidas na porta, mas ficaram aliviados ao ouvir a voz de Allec chamando por eles. Enquanto John vestia a camisa, Acira foi até a porta e cumprimentou o jovem casal. O grupo decidiu almoçar fora e caminharam até uma churrascaria, que ficava próximo ao hotel.

A churrascaria era grande e possuía mesas em madeira refinada, com bancos de encosto alto em volta delas, dividindo bem a privacidade dos usuários. Eles preferiram pegar uma mesa próxima à parede, ficando o mais distante das outras pessoas e também com vista para a televisão, que se encontrava pendurada no centro do estabelecimento.

Todos já comiam e Acira perguntou:

— Nós ficaremos por estas “bandas” mesmo?

— Não sei se é seguro por aqui... — comentou Allec.

— Precisamos encontrar um lugar mais escondido... E também preciso achar um emprego... Ainda temos dinheiro, mas não vai durar pra sempre... — John disse e voltou a comer.

Como os irmãos não eram consumistas, eles possuíam uma reserva de dinheiro, que somaram com o restante do dinheiro da Acira e Jennifer, que

pegara uma quantia do cofre de sua família, antes de partir junto aos lobos.

— Também quero ajudar! — comentou Allec.

— Não, não mocinho, vocês dois precisam voltar pra escola! É só nos estabelecermos na residência ideal e os estudos voltaram pra vocês... — Acira gesticulou com as mãos. — Vocês jamais devem parar de estudar, não concorda comigo Jenny?

Jennifer não respondeu. Allec, estranhando o silêncio da namorada, notou que ela estava vidrada na notícia da TV.

“Um renomado delegado, sua filha de 16 anos, junto de mais quatro oficiais, desapareceram misteriosamente na cidade de Tusneer há algumas semanas. Uma força tarefa foi organizada para tentar encontrá-los... Caso você aí de casa, tenha alguma notícia destas pessoas que estão aparecendo em destaque, não deixe de avisar as autoridades e...”

Jennifer voltou o olhar para seu prato, ignorando o restante das informações e olhou para seus companheiros que a encaravam.

— Não sei o qu...

Sua frase fora interrompida por Allec, que a beijara e cochichou: — Retribua o beijo que já te explico... — ela não reagiu, mas logo sentiu um cheiro de duas Pistolas Taurus .40, que se aproximavam da mesa.

John e Acira disfarçaram e continuaram conversando e comendo, enquanto dois homens acompanhados de duas mulheres passaram por eles e sentaram após duas mesas.

Allec interrompera o beijo e sussurrou:

— Sentiu o cheiro?

Jennifer acenou positivamente e cochichou:

— São policiais, não são?

— Na mosca, querida. — Acira comentou baixinho.

— É melhor irmos... — comentou John chamando o garçom.

— John e Allec, vocês vão indo na frente, sei exatamente do que a Jenny precisa para sair deste problema! — Acira disse piscando para ela.

— Está bem, deixa-a em suas mãos! — comentou Allec e encarou sua namorada, que corara.

Já no hotel, John estava no sofá mexendo no celular, enquanto Allec, impaciente andava de um lado para o outro próximo da janela, até que sentiu uma almofada atingir sua nuca.

— Hey!

— Dá pra parar de ficar andando feito idiota, elas já estão chegando.

— Eu não posso mais ficar ansioso?

Retrucou e arremessara a almofada em John, que mexia em seu celular e o fez derrubar no chão.

— Ora seu... Agora você vai ver só!

Allec ao notar o avanço de seu irmão em sua direção, correu para trás de uma mesa redonda, ficando na defensiva e com suas garras e olhar lupino rosnou:

— Foi culpa sua! — gritou Allec, utilizando-se da mesa como escudo, tentava se esquivar de seu irmão, mas o que ele não esperava, era que John saltaria por cima da mesa, tombando-a e o pegando em cheio, com seu famoso golpe infalível de mata-leão. Esbarraram na estante com alguns itens decorativos, que vieram ao chão. Allec tentou desesperadamente se soltar e rosnou:

— Me larga... Seu covarde!

— Isso é pra você aprender!

— Grrrr... — Allec rosnara. — Isso é trapaça!

— Hey crianças, o que vocês estão aprontando? — perguntou Acira da porta do quarto, surpreendendo os dois.

— Acira! — disse os dois juntos e John o soltou após bagunçar seu cabelo.

— Vocês estão prontos para conhecer a nova Jennifer?

Acira perguntou e eles acenaram que sim.

— Pode vir Jenny!

Jennifer entrou deixando os dois de queixo caído.

— Você está linda! — Allec respondeu sorrindo e foi ao seu encontro.

— Estou mesmo? — Jenny perguntou e ele assentiu dando-lhe um beijo. Jennifer havia repicado e cortado o cabelo um pouco acima dos ombros e também colorido de um ruivo bordô, junto de uma franja bem dividida, que chegava à altura do nariz.

— Se não fosse o seu cheiro, eu não te reconheceria de longe. — disse Allec.

— Obrigada! — ela disse sem jeito.

— Bela ideia Acira! — John disse se aproximando de todos. — A primeira vista, até parece outra pessoa, Jenny...

— Que bom que gostaram! — respondeu timidamente.

Acira de repente assustou a todos ao correr até a janela, como se farejasse algo. Os três apenas observaram a atitude repentina e John perguntou:

— Está tudo bem Acira?

— Este cheiro... Conheço de algum lugar... Estão conseguindo sentir? — perguntou sem tirar os olhos da janela, que percorria cada canto visível do térreo.

— Há tantos odores... Fica difícil definir de qual você está falando... — John disse abrindo a janela e se concentrando em seus sentidos.

Acira sentiu uma sensação de desconforto com aquele cheiro, fazendo-a recordar brevemente de um momento ruim de seu passado, em que sua família fora atacada. Tentou não demonstrar ao grupo, pois as lembranças eram dolorosas e puxou John da janela, enquanto dizia:

— Não me recordo do que exatamente, mas devo ter me confundido... Deixa pra lá querido.

Um homem de terno e gravata, escondido atrás de uma árvore, falava ao telefone enquanto os olhos encaravam a janela aberta de um prédio.

— Pelo cheiro, estes parecem ser diferentes... Ok, ok. Já entendi. Farei algo sobre isso. Não é sempre que temos carne nova.

Com um sorriso, desligou o aparelho e pôs-se a caminhar.

Allec levava Jennifer em suas costas e adentravam o bosque próximo ao hotel. Já era uma hora da manhã. A noite estava fria, mas isto não incomodava os lobos. Ela sentia o vento bater em seu rosto e uma sensação de liberdade a contagiava. Ele corria rápido e acompanhava o casal alpha, que seguiam a alguns metros a frente. Jennifer começou a sentir as fibras da pelagem de Allec, apurando cada vez mais seus sentidos. Um formigamento dolorido se iniciara em sua coluna e deu um leve puxão na pelagem dele, antes de dizer:

— Al... Está começando... — e pressionou seu rosto contra os pelos dele, para não demonstrar a dor que sentia.

Allec imediatamente parou e gritou:

— John, Acira! — após avisar os alphas, se agachou para ajudá-la a encontrar o chão, pois Jenny já perdia a consciência.

Acira se aproximou e pegou na mão de Jennifer.

— Por aqui querida. — Acira disse a guiando para longe dos machos. A ajudou a se despir e comentou: — Sinta a dor Jenny, não tente impedi-la, se não a transformação demorará e será mais doloroso.

Allec e John esperavam sentados um pouco impacientes, após as fêmeas terem se afastado da visão deles.

— Mano, será que ela conseguirá controlar igual nós algum dia? — perguntou Allec.

Mas antes que John respondesse, gritos e uivos vieram da direção das árvores, em que as fêmeas sumiram e chamaram a atenção dos dois.

— Não é impossível Al, mas ela precisará de um “norte”... — disse ignorando os gritos. — Tente ensiná-la, do mesmo modo em que você aprendeu.

— Obrigado. — respondeu Allec.

Acira aparecera, seguida por Jennifer, que abanou a cauda ao avistar os machos e cumprimentara ambos em maneira canina, submissa e brincalhona.

John a farejou de volta abanando a cauda e Allec entrou na brincadeira, mordiscando as patas dela.

— Vamos meus amores, farejei alguns javalis no território. — Acira disse e iniciou a corrida.

Eles apenas obedeceram e começaram a seguir a loba de olfato mais sensível. Todos corriam em uma velocidade constante. Acira guiava a matilha, ficando John, Allec logo atrás e Jennifer por último.

Um cheiro chamara a atenção de Jenny, que a fez mudar de direção sem os outros perceberem. A loba correu alguns metros até encontrar um barranco, que deu visão a um acampamento com duas barracas enormes e uma fogueira um pouco afastada. De onde a loba estava, avistou os seres que conversavam e comiam alguns marshmallows, sendo duas fêmeas e três machos. Jennifer adorava esta guloseima e se aproximou devagar, indo para a lateral das barracas, ainda do lado de fora. Havia farejado uma caixa de plástico, com minúsculos furinhos na tampa e que estava acima de outras duas caixas de mesmo material, contendo alguns mantimentos, entre eles os marshmallows.

Começou a farejar uma abertura na caixa e acabou derrubando-a no chão, que quebrara a lateral. Por sorte os humanos não a ouviram, pois estavam cantando em volta da fogueira. Uma pequena abertura foi o suficiente para Jenny enfiar o focinho e pegar algumas das deliciosas guloseimas.

— Pegue mais pra gente, Rick. — ouviu-se uma voz de mulher, há alguns metros de distância.

— Aguenta aí.

Jennifer distraída, não sentiu a aproximação do humano, que não notara a loba, até chegar ao local das caixas de mantimentos, pois as luzes das barracas estavam apagadas e ao se olharem, ambos ficaram alguns segundos em estado de choque. A loba percebeu o perigo e começou a rosnar para o homem que nada disse, mas deu alguns passos para trás e acabou tropeçando em algumas pedras, que o fez cair no chão e chamando a atenção dos outros do grupo, que gerou algumas risadas.

— O que foi Rick? Não está aguentando mais ficar em pé? — perguntou um dos homens. Ele nada respondeu, mas continuou se arrastando para trás, enquanto a loba ainda imóvel ameaçava avançar a qualquer momento.

— Ai meu Deus! — gritou uma das mulheres, quando surgiram mais três lobos do meio dos arbustos, que avançaram sobre a loba, que grunhiu em submissão.

John entrou na frente da matilha e encarara o homem, que ao se deparar com o olhar sombrio do lobo negro, saiu do estado de transe e conseguiu se levantar e correr em direção aos demais do grupo, que encontravam-se equipados com ferramentas como alguns gravetos de madeira e espetos de ferro de churrasco, para caso o lobo ousasse avançar.

Em questão de segundos os lobos desapareceram na mata.

Após o breve encontro com os humanos, a matilha embrenhou-se na mata, caçaram e devoraram um javali e encontraram um lugar para descansar.

Ao ver Jennifer dormindo e encolhida próxima de Acira, John chamou Allec para um canto e comentou:

— Irmão, tivemos sorte hoje, pois quase fomos expostos... — em seguida olhara para Jennifer.

— Eu sei... Sinto muito. — Allec abaixara a cabeça.

— Comece a ensiná-la o quanto antes, pois na próxima ela pode acabar atacando um humano.

— Farei o meu melhor, pode deixar. — e ambos se juntaram ao redor das fêmeas e adormeceram.



Jennifer e Allec.

Capítulo 3

Novos Ares

John conseguiu um emprego temporário de caseiro, em uma pequena fazenda afastada da cidade, que ficava há alguns quilômetros de uma reserva natural. Sendo este um lugar ideal para a matilha se estabelecer. Não tinham animais na fazenda e a única função de John para o qual havia sido contratado, fora a de manter o local impecavelmente igual aos que os proprietários deixaram, antes de saírem de viagem. Além de proteger a residência contra saqueadores e vândalos drogados, que era muito comum na região. John também ficara responsável pelas caçadas e na maioria das vezes saía caçar sozinho, pois não havia presas de grande porte na região.

Seis semanas se passaram desde o incidente ao acampamento com Jennifer e seus adorados marshmallows. Allec e Jenny estudavam em casa, pois a distância da escola mais próxima era muito longe, até mesmo para os lobos. Depois dos estudos, eles passavam as tardes treinando. Jennifer começara a aprender a como controlar sua consciência na hora da transformação. Já a gestação lupina de Acira aparentava estar de quase oito meses, mas devia estar próxima do término de seu terceiro mês. A data exata do nascimento era improvável, podendo ser em alguns dias ou semanas de diferença. Acira também adquirira um hábito de costura, no qual começou a criar pequenas peças de roupas de cores unissex para o bebê.

— Consegue ouvi-lo? — perguntou Allec sussurrando e sentado em uma raiz centenária, enquanto observava Jennifer de costas e de olhos fechados, sentada a alguns metros na folhagem, concentrada em seus sentidos.

— O som está fraco, mas consigo... — ela respondeu ainda de olhos fechados.

Jennifer surpreendeu Allec se levantando e correndo ferozmente em direção ao cheiro da lebre, que havia sido solta por eles. Jenny estava há semanas tentando apurar a audição e o olfato para perseguir um alvo. Ela tomou alguns dribles do animal de cor caramelo e quando foi abocanhá-lo, dois braços a abraçaram por trás e a seguraram firme, pois ela resistia e queria mais que tudo provar do sangue do coelho.

— Jenny, calma amor, sou eu Allec!

Ela rosnava, mas seus olhos e presas foram voltando ao normal ao reconhecer a voz e presença dele e o coelho acabou fugindo. — Al? Eu consegui desta vez?

— Quase lá amor... Só precisa focar mais no momento da transformação, pois esta “ferocidade” inicial é o que separa nossa consciência da natureza selvagem que temos dentro de nós... — disse ainda na mesma posição abraçados.

Jennifer ficou pensativa por um segundo, mas Allec a fizera girar ao puxar seu braço direito e a segurou antes que caísse no chão, ficando em uma posição, que sutilmente lembrava uma dança sensual.

— É difícil... — disse desanimada encarando os penetrantes olhos azuis dele.

— Eu sei meu amor, mas em tão pouco tempo treinando, você já consegue se transformar sem a lua cheia, isso já é um progresso! — sorriu e a beijou.

— Também tenho um ótimo professor! — disse entre os beijos.

— Desculpe interrompê-los pombinhos, mas olha o que encontrei. — comentou John, se aproximando dos dois e erguendo sua mão direita, que segurava uma lebre de cor caramelo, presa pelo cangote que esperneava, tentando fugir dos lobos.

No ombro esquerdo, John carregava alguns roedores e pássaros mortos, amarrados em uma corda.

— Ai que bom que o encontrou John! — Jennifer se soltara dos braços de Allec e fora pegar a gaiola.

— Valeu mano, pensei que havíamos perdido este também, nosso estoque tá acabando. — Allec pegou o coelho da mão de John.

— De nada, mas cedo ou tarde nós o encontraríamos de qualquer jeito.

— Obrigada! — Jennifer afirmou, posicionando a gaiola para que Allec colocasse o animal e fechou a gaiola. O jovem casal seguiu para o celeiro, para guardar a lebre junto dos outros, que eles haviam comprado para o treinamento.

02h27min da madrugada.

John despertou ao ouvir barulhos da corrente, que trancava o portão de ferro, sendo a única entrada da fazenda, cercada por alambrados. Caminhou até a janela e rosnou, ficando com os olhos de lobo ao avistar um grupo com quatro humanos, que arrebatavam o cadeado. Este já era o quinto cadeado que trocavam, por causa das invasões que sofreram desde que se mudaram para a fazenda. Como já estava nu, se transformou ali mesmo, sem tirar os olhos dos invasores e acordou o restante da matilha.

Como os lobos já estavam habituados com as invasões, cada um do grupo se posicionou em sua função e deixaram os invasores pensarem que não tinha ninguém na casa.

Os humanos entraram na casa e acenderam as luzes, passaram pelo saguão com acesso à escada e rumaram para sala de estar, próxima de uma cozinha. Começaram a guardar em uma enorme bolsa os objetos simples, porém alguns

antigos e raros, como vasos e enfeites esculpidos a mão, além dos eletrodomésticos.

— Peguem tudo o que conseguirem!

John escutara uma voz feminina ordenar entre o grupo, composto por mais três machos. Estava escondido no banheiro, localizado logo após a cozinha.

Depois de alguns minutos em que os humanos já estavam próximos de John, as luzes se apagaram e Jennifer do lado de fora da casa, correu até a porta de entrada e a fechou com força, para assustar os visitantes.

Os homens praguejaram entre si e ligaram suas lanternas. Foi nesse momento em que John se aproximou sorrateiramente pela cozinha, tendo a escuridão como aliada, um dos homens lhe direcionou a lanterna e deixou cair o pé de cabra no chão, ao se deparar com um lobo negro sobre duas patas.

“Adoro esse cheiro...”, pensou John enquanto farejava o fedor de medo de todos, ao se depararem com a figura inexplicável a sua frente. Ele apenas lambeu os beiços e começou a rosnar.

— Corram! — gritou a mulher saindo em retirada e o último homem bateu a porta da frente, antes que o lobo saísse e deixaram todos os objetos para trás.

John apenas com a pata direita encostada na porta fechada, só escutava os resmungos e xingamentos dos invasores e acabou deixando escapar um riso para si. Em seguida surgiram todos os outros lobos no saguão e John perguntou a Allec, que se encontrava no segundo andar:

— Está a fim de uma corrida Al?

— O que está esperando amor? — Acira perguntou.

— Estou apenas dando alguns minutos de vantagem, senão não tem graça...

— Demorou! — respondeu Allec já com os olhos lupinos amostra e voltou para seu quarto, para deixar suas roupas. Um minuto depois Al saltara bem no meio do saguão, já transformado.

— Vamos pegar todos os aparelhos eletrônicos deles!

John ordenou e uivou, saindo como um foguete em direção ao grupo.

Allec uivara em resposta e o seguiu pela mata.

Depois de alguns minutos fugindo da fazenda, o carro dos bandidos freou bruscamente, por causa do lobo sentado pacientemente e bem no meio da estrada.

— Cacete, ele nos seguiu! — afirmou um dos homens no carro.

— Não, espera, esse aí é menor... — comentou outro homem e todos olharam para o teto do carro, ao escutarem um barulho de pegadas.

— Fugam! — gritou a mulher saindo do carro e cada um do grupo foi para um lado.

John apenas os observou correndo para as árvores ao redor e focou em seguir a fêmea, a líder dos saqueadores. Allec fora em direção a outros dois.

Ele a perseguiu por aproximadamente dois minutos, até que a derrubara na lama. A mulher começou a implorar e a urinar de medo e havia fechado os olhos, só esperando pela morte. John a rodeou duas vezes, apreciando o odor da presa, que o fazia sentir-se poderoso. Começou a farejar o corpo da mulher em busca de aparelhos celulares. Após encontrar, o destruiu com as próprias garras e o jogou longe. Farejou a nuca da vítima e soltara um hálito quente, só para vê-la estremecer de medo. Deu um último rosnado e saiu em disparada para outra presa.

— Será que eles estão bem? — Jennifer perguntou, terminando de arrumar a sala.

— Não se preocupe querida, são apenas vândalos, em breve eles estarão de volta. — um uivo invadira a sala e Acira abriu a porta e ela continuou:

— Eu não disse? Lá vêm eles...

Os machos caminhavam triunfantes, com a sensação de dever cumprido.

— Foram rápidos! O que aconteceu? — perguntou Acira.

— Apenas demos um susto neles, não se preocupem... — comentou John, ficando sobre as duas patas.

— Foi divertido! — afirmou Allec.

— Mas eles viram vocês, será que não voltarão com a polícia? — perguntou Jennifer preocupada.

— Não irão, mas se forem, a polícia não acreditará neles, pois estavam cometendo delitos e o carro deles está cheio de drogas. — John respondeu e foram em direção aos quartos, enquanto dizia: — Bom trabalho a todos, vamos descansar agora... Vejo vocês de manhã. — acenara para o jovem casal, que rumava para outro quarto e lhe desejaram boa noite.

Allec e Jennifer já estavam no quarto. Ele ainda permanecia em sua forma lupina, sentado bem no meio do cômodo quando perguntou envergonhado:

— Pronto Jenny?

— Você é fascinante Al! — Jenny o rodeava observando sua anatomia, o tocando no focinho e ao redor de suas orelhas sem nenhum pudor. Admirava a maravilhosa criatura que era um lycan, pois nunca havia prestado atenção. Ela notara que ele se sentia incomodado de vergonha e continuou:

— Está com vergonha do quê? Você já me viu nua...

— Mas assim de repente? Você também já me viu em forma de lobo.

— Não é a mesma coisa do que prestar atenção nos detalhes, Al... Eu só aproveitei que você já está transformado. — ela lhe direcionara a mão direita e entrelaçou os dedos na pata dele, que a lambeu no rosto.

Ela o surpreendeu com um abraço.

— Obrigada por ser paciente Al. Agora que possuo os sentidos apurados, eu sei como você se sente... Sobre diversas coisas...

— Tipo o quê? — sentiu-se mais envergonhado por perguntar, pois imaginava o que ela queria dizer.

Ela também ficara corada, pois ambos eram muito tímidos para irem mais afundo no assunto, mas Jenny apenas respondeu:

— Outra hora nós conversamos, quero descansar agora. — e lhe dera um beijo no focinho.

— Certo, irei tomar um banho, boa noite Jenny.

— Boa noite.



Jennifer e Allec.

Capítulo 4

Membros da Alcateia

05h36min daquela mesma madrugada...

Acira acordou como se houvesse tido um pesadelo e com os olhos de loba, mas não se moveu de imediato. Sentou-se na cama e observou John por alguns segundos, que dormia em sua forma humana. Farejou o ambiente, se levantou e foi em direção as escadas, mesmo estando nua.

John a sentiu afastar-se e despertou em silêncio. Com a mão esquerda, tocou a umidade do lado do colchão em que ela dormia. Ele caminhou até a janela e a viu se transformar, já bem próxima das árvores e adentrando no bosque correndo.

John se transformou no quarto e desceu as escadas, tentando evitar o máximo de barulho possível. Farejou o local de onde ela havia se transformado e pensou:

“Onde será que ela está indo?” — olhou ao redor da casa e notou que os outros ainda dormiam e foi atrás dela, seguindo-a pelo cheiro.

Correu uma distância de aproximadamente dois quilômetros, até encontrar uma pequena ladeira de rochas e raízes, no qual o cheiro era estável. Ainda farejando o ar pensou em uivar, mas algo o impediu e empinou as orelhas, para ter certeza do que acabara de ouvir. Um som baixinho, quase imperceptível e sentia algo que o guiava para o meio das rochas. Avistara uma espécie de toca entre duas raízes grandes e algumas pedras. Supôs que Acira estivesse ali, pois seu odor vinha forte daquela direção. Hesitante, levou um susto quando Acira o surpreendeu rosnando e se encolhendo na toca por instinto.

— Acira, sou eu! — ele recuou de orelhas baixas.

— John? — Acira voltou a si. — Me desculpe você me assustou...

Ela deitara novamente na toca. John se aproximou devagar e sentiu seus pelos se arrepiarem, no exato momento que escutou um pequeno gemido.

— É o que eu estou pensando que é?

Acira abanara a cauda e perguntou:

— Por que não vem ver e descobre?

Ele a obedeceu e lentamente começou a se aproximar da toca. Quando finalmente estava há alguns centímetros de distância, pôde avistar dois seres pequeninos entre as patas dela, com uns 30 centímetros de comprimento. Ela os limpava, mas mesmo ainda sujos, John conseguiu ver a cor da pelagem bem fina de ambos. O mais inquieto entre os dois era branco como a mãe e o outro uma

mistura de pelagem branca e preta, parecendo muito àquelas raças de cães que puxavam trenós.

John congelou e ficou com o olhar vidrado nos pequeninos, até que Acira disse após lambê-los:

— Digam olá para o papai!

“Pai em dobro... Quem diria...”, pensou e em seguida voltou a si e esfregou seu rosto com o de Acira, enquanto dizia: — Eles são lindos Acira!

Ela retribuiu o carinho e puxou os dois para mais perto de John, que começou a farejá-los e os lambe. Por surpresa um dos filhotes o lambeu de volta, mesmo sem enxergar. John se aconchegara no ninho e os filhotes ficaram entre os dois. John continuou a lambê-los para que Acira descansasse, por estar exausta do parto.

— Sabe Acira... Há muito tempo o nosso povo não nasce como realmente somos... Fico me perguntando como é possível estes dois nascerem assim...

— Eu também não sei, mas acho que foi por serem concebidos quando ainda estávamos nesta forma.

Os pequeninos começaram a gemer baixinho e John os ajudou a encontrar o leite da mãe. Eles ficaram em silêncio por alguns minutos, apenas observando os filhotes mamarem e John comentou:

— Estive pensando Acira, se você aceitaria viver assim pra sempre...

— Como assim querido?

— Exatamente como estamos agora, viver nossa natureza selvagem, sem se preocupar mais em viver a correria e stress de ganhar o dinheiro dos humanos...

— Não sei não John, e onde iríamos morar?

— Na natureza... Encontraremos um lugar mais aconchegante para criá-los.

— Bom, seja onde for, estando com você pra mim está bom... Mudando de assunto... E sobre a estes menininhos, quais nomes daremos a eles? Eu estive pensando no nome de meu avô para ele... — disse acariciando com o focinho, o mais agitado e guloso entre os dois, o albino. —... Auron, o que acha amor?

— Auron... É um belo nome, gostei!

— Você escolhe o outro nome amor!

— Não sou muito bom com nomes...

— Vamos lá, você consegue! — Acira o encorajou.

— Hum... — John olhou ao redor em busca de alguma inspiração, mas ao voltar o olhar para os filhotes, veio um nome em sua mente.

— Noru!

— Noru? — perguntou surpresa.

— Noru é quase um “Auron” ao contrário.

— Não creio, sério amor? — Acira perguntou rindo.

— Podemos escolher outro se quiser... — comentou encabulado e de orelhas baixas.

— Não precisamos, eu gostei também... Auron e Noru... Bem-vindos à família! — ela os lambeu e encostou sua cabeça no chão para descansar.

— Quando garoto, ouvi dizer que filhotes assim são raríssimos, porém eles se desenvolvem cerca de dez vezes mais rápido, do que uma criança lycan nascida humana... Sempre me perguntei se não eram apenas histórias, mas agora... Esses filhotes descendem de mim e você Acira.

— Será que eles se transformarão em humanos também?

— Só o tempo nos dirá... Não é melhor levarmos eles para a residência?

— Não, eu sinto como se aqui fosse mais seguro para eles no momento, é como um instinto, eu não sei explicar... E os proprietários da fazenda não deram data de retorno, imagina se eles chegam e me vêem amamentando dois lobos?

John soltara um riso e disse:

— Ia ser estranho para eles... Acho que nem teriam reação.

— Exatamente, mas como eles nasceram assim, acredito que em uns 20 dias já estejam andando e correndo por aí daí eu os levarei para a residência, pois fica mais fácil de explicar para os humanos, que são “cães adotados” ou algo do tipo... — ela o encarou seriamente e perguntou:

— Falou sério sobre morar na natureza?

— Claro que sim, na verdade eu sempre quis ser somente o lobo e estes dois me deram coragem para questioná-la sobre isso... — John encarou os filhotes, suspirou e continuou dizendo: — Visto que estamos habituados com o mundo humano, eu achava que seria difícil para você aceitar.

— Eu irei com você para onde for, seja em forma de loba ou humana... Mas precisa perguntar ao Allec e Jennifer se eles concordam com isso, porque somos uma alcateia.

— Irei questioná-los em breve e falando neles, irei alertá-los sobre nós, pois podem ficar preocupados sem saber aonde fomos. — disse se levantando.

— Está bem amor, ficarei aqui com essas fofuras, bem quietinha... — disse esfregando a cabeça no pescoço dele, que retribuiu o carinho.

— Está bem, cuide bem deles amor, trarei algo para você comer quando voltar.

Ao voltar para a residência, ainda em sua forma lupina, John encontrou Jennifer e Allec fazendo panquecas para o café da manhã. Contou-lhes o que havia acontecido na madrugada, sobre a fuga de Acira e os filhotes, que eram gêmeos. Allec ficou tão surpreso ao receber a notícia sobre seus pequenos sobrinhos, que

acabou derrubando uma xícara de café e molhando a mesa. O casal, emocionado, deram parabéns ao lobo alpha.

O jovem casal questionou se podiam vê-los e sobre o porquê de Acira não trazê-los para a residência. John explicou que era complicado, por terem nascido como lobos. Allec ficara de boca entre aberta e perguntou:

— É realmente possível isso? Pensei que fossem apenas histórias...

— Eu também não acreditei no momento em que os vi, mas pode acreditar que essas histórias realmente aconteceram.

— Puxa, que incrível! — afirmou Jenny e continuou: — Estou ansiosa para conhecê-los! De quando eu era caçadora, nós nunca havíamos ouvido falar sobre algo do tipo.

— É porque são muito raros Jenny! — Allec comentou enquanto limpava o café.

— Sim, são tão raros os nascimentos assim, que até nós achávamos que eram apenas histórias... — disse John enquanto mexia na geladeira.

— É realmente incrível! — ela reafirmou.

— É sim, também dizem que filhotes assim são bem mais fortes, do que a maioria de nós... — comentou Allec. — John me leva para conhecer meus sobrinhos!

— Só irei preparar alguma coisa para Acira e já os levo lá.

Allec carregava Jennifer em forma humana em suas costas e com uma mochila. John guiou o caminho até o local onde estavam Acira e os filhotes. Já bem próximos do esconderijo, ele os alertou para tomarem cuidado com as pedras escorregadias, que cercavam a toca e formavam uma muralha natural.

O alpha se aproximou da companheira e a acariciou com a cabeça em cumprimento. Acira pegou os filhotes e os entregou ao pai, saindo um pouco apressada da toca, para que pudesse ir ao “banheiro”.

Allec e Jenny só aguardavam o sinal do alpha, que gesticulou com a cabeça, para que se aproximassem e entregou um filhote para cada dizendo:

— Cuidado, eles são muito sensíveis.

— Que lindos John! — afirmou Allec encolhendo Noru sobre sua pelagem para aquecê-lo.

— São umas fofuras! — Jennifer envolveu Auron em sua blusa e perguntou: — Já escolheram os nomes?

— Já, o que você está segurando é Auron e o de Allec, Noru. — disse John se sentando nas rochas, junto ao jovem casal, que também se sentaram com os sobrinhos nos braços.

— Auron e Noru! Lindos nomes! — afirmou Jennifer sorrindo.

— Concorde e bem diferentes também. — disse Allec e continuou: — Noru puxou um pouco dos dois e Auron mais a Acira... Estou curioso para saber as cores dos olhos quando os abrirem!

— Eu também, daqui a alguns dias nós já saberemos. — John comentou e olhou na direção de Acira, que se aproximava do grupo e sentou ao seu lado.

— Eles são lindos Acira, meus Parabéns! — afirmou Jenny.

— Obrigada querida, eles são bem calminhos também, demos sorte Amor! — Acira acariciou John no pescoço, que retribuiu o carinho. — O que trouxeram de comida? Tô morrendo de fome!

— Alguns pães e carnes cozidas. — John pegara a mochila, pois Al e Jenny estavam encantados e entretidos com os pequeninos, que cochilavam em seus braços.

Acira agradeceu e começou a devorar a carne. Depois de comer, eles conversaram por alguns minutos, até que os bebês sentiram a ausência da mãe e começaram a se mover e resmungar baixinho.

— Eles acordaram! — Jennifer afirmou.

— Devem estar com fome... — disse John e se levantou junto de Acira. Ela se deitou na toca novamente e o jovem casal puseram Auron e Noru na pelagem de Acira, que os ajudou a encontrar o leite.

Acira agradeceu e voltou a olhar para os filhotes junto dos demais da alcateia.

— Bom, Parabéns aos dois, acho melhor irmos e deixá-los descansar. — Allec disse ao pegar a mochila.

— Obrigada por terem vindo! — Acira agradeceu.

— Ficaremos por aqui por alguns dias, por favor, cuidem da residência até voltarmos... — disse John e continuou: — Qualquer coisa vocês sabem como nos contatar!

— Sem problemas, depois a gente volta... Se cuidem hein. — Allec preparava para escalar com Jennifer em suas costas e se despediram dos alphas.



Noru e Acira.

Capítulo 5

Flor Dourada

John havia adormecido, não sabia exatamente há quanto tempo, mas seus filhotes acabaram o acordando, por causa das brincadeiras na toca. Os pequeninos corriam um atrás do outro e também utilizavam o corpo do pai como um desafio de escalada. John suspirou fundo e observou as duas bolinhas de pelos, que já completavam seus 29 dias de vida. Os olhos de Auron eram da cor do mel e os de Noru um azul tão claro, quanto um céu isento de nuvens. Eles cresciam mais rápido que o comum, por terem nascido como lobos e agiam como tal. Acira e John tentavam ensinar algumas palavras, mas apenas emitiam alguns resmungos por ainda serem bebês.

O albino, Auron, ao notar que seu pai o observava, correu o mais rápido que pôde em direção à face de John e começou a lambê-lo com alguns choros lupinos e seu irmão, Noru, se juntou aos dois. John retribuía as lambidas e sabia o que eles queriam dizer.

— Estão com fome, não é? — os acariciou e em seguida olhara para fora da toca. — Sua mãe está demorando hoje... — continuou observando o ambiente e sentiu seus filhotes deitarem entre suas patas dianteiras, se aconchegando no imenso pelo e em questões de minutos adormeceram. “Cadê você Acira?... Espero que esteja tudo bem.”, pensou e deitou a cabeça entre os dois pequeninos, apagando junto a eles.

Em torno de duas horas após terem adormecido, já começara a escurecer e John despertou novamente. Ficou preocupado e se levantou com cuidado, mas acabou acordando os filhotes, que permaneceram deitados ao verem seu pai sair da toca. John encheu os pulmões e soltara um uivo longo e profundo. Para sua surpresa os pequeninos tentaram imitá-lo, soltando uivos desajeitados, não tão longo quanto o seu, mas que chamara sua atenção.

Ele foi até os filhotes e os acariciou, mas apenas obteve resposta de seu irmão, que chegou até a toca alguns minutos depois, junto de Jennifer em sua forma de loba. Jenny conseguira se transformar várias vezes em loba, desde o nascimento dos filhotes e também mantinha o controle na maioria das transformações, mas ainda teria muito a aprender.

— Está tudo bem John? — perguntou Allec se aproximando.

— Eles estão bem? — Jennifer perguntou indo em direção aos filhotes, que ao verem-na, começaram a abanar as caudas para cumprimentá-la.

— Sim, nós estamos bem... O problema é a Acira, ela saiu faz algumas horas para tomar água e não retornou até agora. — olhou para seus filhotes, que brincavam entre as patas de Jennifer e pediu: — Vocês poderiam levá-los até a fazenda, por favor? Eu irei procurar pela Acira.

— Sem problemas irmão, mas qualquer coisa nos avise Ok?

— Pode deixar, obrigado.

Jennifer e Allec apenas acenaram positivamente. Pegaram os filhotes pelo cangote, que pegos de surpresas, não conseguiram reagir e nem se movimentar direito na boca de seus tios. Allec lançara um olhar de “tome cuidado” a John e começou a escalada.

O primeiro local onde John fora era um riacho que ficava próximo da toca, cerca de uns 400 metros de distância. Havia vestígios de Acira, no qual indicava que ela estivera ali, mas o cheiro de outra coisa, que também marcara a presença o incomodava, um fedor desconhecido que não fazia ideia de que criatura era, mas que dava um calafrio na espinha. Já escurecia e também tinha começado a chover, dificultando o rastro que ela deixara em uma trilha, que ia para uma direção oposta à toca.

A chuva atrapalhava o rastro que ficava cada vez mais fraco, mas o que o preocupou foi sentir o cheiro de sangue entre algumas plantas. O coração de John ficou inquieto e também já estava impaciente, que começou a chamar por ela.

— Acira!... Aciraaa! Cadê você? — O rastro dela terminava em um barranco com grandes pedras e tinha em torno de uns 10 metros de altura. John parou na ponta do barranco e gritou mais uma vez pelo nome dela. Ao olhar para baixo, avistou com dificuldade alguma coisa de cor mais clara do que a escuridão, mas a densidade da chuva dificultava sua visão. Ele deu a volta no barranco, descendo por um caminho menos perigoso e correu como um foguete em direção ao que ele havia avistado. Era Acira.

Ele gritou pelo nome dela conforme se aproximava, mas ao chegar bem perto se surpreendeu e involuntariamente seu corpo começou a tremer. — Amor? — perguntou avaliando seu pulso, mas não escutava os batimentos dela. Ela possuía alguns ferimentos nas costas, patas e tinha batido a cabeça em uma pedra. Grande parte da pelagem branca e dourada dela havia ficado vermelha.

John estremeceu ao sentir o corpo gélido e enrijecido, do qual uma vida fora extraída. Sem saber como reagir gritou e rosnou muito alto, e suas lágrimas se misturaram com a chuva. Abraçou o corpo, encostou sua cabeça ao dela e sussurrou chorando: — Meu amor... Eu sinto muito, não pude protegê-la.

Allec e Jennifer estavam em forma humana e haviam alimentado os sobrinhos com leite bovino. Ambos ouviram quase que imperceptível, um uivo de lamentação muito distante dali. Os dois se entreolharam e observaram os pequeninos, que permaneciam dormindo no sofá e perdidos em seus sonhos.

— Aconteceu alguma coisa Al...

— Irei até ele Jenny, tome conta dos dois, por favor.

— Claro, tome cuidado! — lhe dera um beijo e Allec sairá às pressas em meio à chuva, para procurar pelo irmão e Acira.

Alguns minutos correndo para a toca, o cheiro de John encontrava-se próximo. Quando o avistou ele carregava Acira nos braços, mas Allec se apavorou, ao sentir o cheiro que Acira emanava. O cheiro da morte. Os únicos batimentos que ele conseguia ouvir eram o seu e o de seu irmão. Ficou sobre as duas patas e abaixou suas orelhas ao se aproximar de John, que permanecia com uma expressão descrente do que acontecia, porém triste e com um olhar vazio.

— Sinto muito... — Allec dissera e deixou escapar algumas lágrimas. — Quer que o ajude a carregá-la?

— Não precisa, eu mesmo a levo... — disse passando por Allec, que o seguiu sem dizer mais nada.

Eles levaram o corpo dela para o celeiro, para que os filhotes não a vissem naquele estado.

— O que aconteceu com ela John? — Allec perguntou ainda soluçando e chorando, segurando a pata direita dela.

— Alguém a assassinou Al... — disse apertando os punhos, mas não chorava mais. — E quando eu descobrir quem foi, irei dilacerá-lo e picá-lo em mil pedaços! — John mostrou os locais dos ferimentos a Allec e continuou:

— Veja isto, são marcas de garras, porém um pouco diferentes das nossas... Quando fui procurá-la, eu senti um cheiro estranho da criatura que deve ter feito isso a ela... Assim que clarear irei atrás dos rastros e...

— Não faça nada precipitado, lembre-se que você tem dois filhotes que precisam de você, eu e Jenny também precisamos...

John o encarou por um instante e voltou a olhar o cadáver.

— Não consigo acreditar que ela se foi Al...

Allec correu até seu irmão e o surpreendeu com um abraço. Há muito tempo não o abraçava daquele jeito, mas sentiu que ele precisava e nada disse. John ficou sem reação, mas retribuiu o abraço.

— Sinto muito John... Mas lembre-se que você não está sozinho! Quero ajudá-lo na busca do assassino.

— Obrigado irmão.

Daí em diante eles permaneceram em silêncio. Encontraram um pano no celeiro e a cobriram.

Jennifer despertara do cochilo com o barulho da porta de entrada e levantou imediatamente ao ver os machos ainda em forma de lobos. Os filhotes também haviam despertado. Ao avistarem o pai que se aproximava, tentaram ver alguma saída do sofá para correr em direção a ele, mas era muito alto e começaram a choramingar. John os pegou, mas os manteve longe de seu corpo, por estar molhado e apenas disse com um breve olhar a Jennifer:

— Obrigado por cuidar deles...

— Não é nada... Onde está a Acira? — ela perguntou encarando os dois em busca de respostas, mas John apenas desviou o olhar e foi em direção as escadas, que direcionava aos quartos, ficando em silêncio.

Allec esperou até que John subisse para dizer:

— Acira está morta Jenny... Ela foi assassinada! — ele disse com dificuldade em segurar as lágrimas.

— Como é que é? Você está brincado, certo? — perguntou Jennifer, que também deixara algumas lágrimas escaparem contra sua vontade.

Ele apenas acenou negativamente, pois não conseguira dizer mais nada e a puxou para seus braços.

No segundo andar, John foi para o seu quarto, colocou os filhotes na cama de casal e fora para o banheiro se enxugar. Os pequeninos sentiam um cheiro fraco de sua mãe naquele chão macio e instintivamente começaram a uivar desajeitados do lado direito da cama, onde Acira costumava dormir, como se eles já soubessem, que sua mãe não mais retornaria. Surpreso, John saiu do banheiro, se aproximou dos filhotes e começou a uivar. Assim como dois seres no primeiro andar, que se juntaram ao coro fúnebre uivante.



Acira.

Capítulo 6

Despedida

John acordara cedo na manhã seguinte a sua perda. Seus pensamentos estavam inquietos e sentia um enorme vazio dentro do coração. Notou que Auron se enfiara embaixo de seu pescoço, enquanto Noru dormia estirado entre suas patas traseiras. John mantinha-se em sua forma de lobo desde o nascimento dos filhotes e pretendia ficar deste modo até que eles ficassem maiores, pois assim ele estaria sempre pronto para protegê-los, sendo esta forma a sua real força. Quando se moveu para levantar, os filhotes acabaram acordando. Antes que Auron pensasse em se mover, John o abocanhara no cangote ao descer da cama e o deixou no chão. Repetiu o gesto com Noru, o deixando junto ao irmão. John os observou do alto por alguns segundos. Ficou em sua forma quadrúpede e foi em direção à porta. Os filhotes já pisavam mais firmemente no chão e o seguiram rumo às escadas emitindo alguns grunhidos. Pacientemente John desceu os largos degraus na velocidade dos filhotes, para que aprendessem a enfrentar os obstáculos, no qual eles já se saíam muito bem. Ao final da escada John os acariciou como aprovação do desafio lançado por ele.

Ele preparara as mamadeiras e se sentou de maneira aconchegante no enorme sofá, com um pequenino em cada braço para alimentá-los. O dia estava surreal e parecia que Acira desceria as escadas a qualquer momento. John observava o albino devido à semelhança dele com a mãe e apenas fechou os olhos, antes que as lágrimas viessem.

John voltou a abrir os olhos para responder aos cumprimentos de Allec e Jennifer, que desciam as escadas.

Jenny se aproximou de John e o tocou em seu braço direito, pois as mãos seguravam os bebês e expressou suas condolências ao alpha, que agradeceu.

— Assim que eles adormecerem e acabarem aqui cremarei o corpo dela... — John disse voltando o olhar para os filhotes.

— Irei preparando tudo então. — comentou Allec e acenara com a cabeça se retirando.

— Eu te ajudo Al... — Jennifer disse o acompanhando.

Após adormecerem, os filhotes foram deixados no quarto de John com a porta trancada, para evitar acidentes. Eles prepararam uma espécie de altar com pedras e troncos, um pouco afastado da fazenda e a colocaram-na em uma posição com as patas cruzadas no tórax. Depois de se despedirem, Allec e Jenny observavam a distância segurando uma tocha, apenas aguardando a despedida de

John. Ele permaneceu um longo tempo ao lado dela, na mesma posição, segurando sua pata como se fosse uma fotografia. Foi muito difícil a ele dizer adeus ao seu primeiro e único amor, desde sua infância e algumas lembranças vieram em sua mente.

Charles ensinava a John no tanque, que ficava atrás da casa a como limpar um animal. Retirava as entranhas e por mais estranho e nojento que isto parecesse para uma criança de oito anos de idade, John parecia gostar do que via. De repente Barbara aparecera para chamá-los.

— Meus amores, eles chegaram! — afirmou sorrindo e voltou para dentro da casa.

— Já estou indo amor, só irei me limpar.. — respondeu Charles e continuou. — Vá na frente com sua mãe filho...

— Tá bem papai! — ele respondera e entrou correndo para dentro da casa. Avistou alguns adultos com quem sua mãe conversava, mas ao se aproximar de todos, notara uma garotinha logo à frente. A menina de aproximadamente seis anos parecia uma boneca, com os cabelinhos bem compridos e loiros e ao notá-lo, ela sorriu e acenou para ele, que se escondeu um pouco atrás de sua mãe, pois era muito tímido.

— Diz oi pra ela querido... — Barbara o incentivou.

— Oi munino... — Acira dissera, pois ainda aprendia a falar corretamente e foi na direção de John. — Qual su nome?

— É John! E o seu? — perguntou gaguejante.

— Acira! — ela afirmou sorrindo, encarara Barbara e perguntou: — Tia, a gente pode brincar lá fora?

— Claro que sim meu anjo, filho, por que não a leva para conhecer a casa?

— Tá bem, vem Acira...

John a guiou até a porta de onde vieram, enquanto os adultos observavam e comentavam algo sobre as duas crianças.

Já no lado de fora, Acira avistara uma mariposa e instintivamente a perseguiu.

— Hey, calma aí Acira! — John correu atrás dela. — Cuidado para não cair, tem muitas pedras e buracos no terreno...

Ela parou de correr ao avistar o tanque em que John e Charles trabalhavam mais cedo.

— O que tem ali John? — ela apontou com o indicador e ficou curiosa.

— Ah, ali? Estão os animais que meu pai e eu caçamos... — John disse para se exhibir, mas apenas seu pai caçara.

— *Sélio?* — *ela parecia impressionada.* — *Posso vê?*

— *Não, você é muito nova ainda...* — *John pegou na mão dela e a guiou para o outro lado.* — *Venha, vou te mostrar um brinquedo legal!* — *e começou a correr.*

John soltara um pequeno riso ao se lembrar de alguns eventos e brincadeiras junto de Acira na infância, principalmente quando ele a empurrava em um carrinho de mão ao redor de sua antiga casa. Até o dia em que ela sem querer, o fez cair em uma poça de lama, depois de bater com o carrinho em uma pedra. John alargou o sorriso após admitir para si, que sua companheira sempre fora uma peste e pensou:

“Vou sentir sua falta amor... Você ficará para sempre no meu coração e memórias...”, ele encostara seu focinho ao dela. “Eu tomarei conta de nossos filhotes, não se preocupe.”

John deixara escapar algumas lágrimas, mas as limpou antes de se virar para Allec e acenar positivamente. Allec se aproximou e a tocou pela última vez, antes de colocar fogo na madeira. Todos se afastaram e observaram o fogo purificar aquele corpo, que um dia habitou uma maravilhosa e inesquecível alma. Acira.

Jennifer chorava abraçada de Allec, mas ninguém disse uma palavra, até porque elas se perdiam junto à dança que o fogo fazia. Algum tempo depois Allec e Jennifer abraçaram John e depois retornaram para a residência. John permaneceu alguns minutos a mais, mas ouvira os uivos de seus filhotes, que despertaram e chamavam por ele.

— Adeus meu amor! — se despediu e se retirou.

Algumas horas depois John e Allec enterraram os restos mortais de Acira na floresta. Jennifer ficou cuidando dos bebês enquanto Allec e John foram até o riacho em busca de respostas.

Eles farejavam por todo o terreno em que ela estivera pela última vez, mas a chuva havia enfraquecido os rastros. Allec sentiu um cheiro estranho vindo de uma árvore próxima e resolveu escalá-la. O cheiro era forte em alguns galhos e o fez sentir um arrepio e comentou.

— Que estranho... Eu já senti essa sensação antes, quando ainda estávamos naquele hotel após a primeira transformação de Jenny...

— Como assim?

— Uma sensação de estarmos sendo observados... Este cheiro, mesmo fraco parece ser da mesma pessoa que senti há algum tempo atrás. — comentou Allec descendo da árvore.

— Acho que sei do que está falando, eu também senti isso quando procurava por Acira... Estou com um mau pressentimento.

— É estranho, porque é como se este animal ou criatura viesse saltando entre as árvores, mas a distância de um salto ao outro são muito grandes... Que tipo de animal, além de nós é capaz de fazer isto?

— Não me vem nada em mente... Mas por agora, acho melhor voltarmos! Precisamos ir embora deste lugar, não é mais seguro.

— E para onde iremos?

— Qualquer lugar longe daqui.

Já era noite. John havia conversado com os dois sobre partirem ao amanhecer e deixarem uma carta ao proprietário. Allec e Jenny chegaram a arrumar as malas. John dormia com os filhotes entre suas patas, mas uma brisa fria vindo da janela o fizera despertar. Sentira uma sensação de desconforto e o fedor da criatura, que rodeava a fazenda. John levantou e pegou os gêmeos sonolentos e foi até o quarto de Jenny e Allec. Sussurrou para que acordassem e explicou-lhes o que estava acontecendo.

— Eles estão aqui! Estão cercando a fazenda, consigo senti-los fracamente, temos que sair agora!

Allec e Jenny assustados começaram a se transformar. Em silêncio todos se reuniram na sala e John cochichou.

— Faremos o seguinte, eu sairei primeiro pelos fundos, indo em direção à toca, daí depois que eles forem atrás de mim, corram para a cidade e os protejam, por favor.

— Mas e você John? Isso é suicídio! Nem sabemos com o que estamos lidando. — Allec disse nervoso.

— Sou o mais rápido de nós, irei despistá-los e encontrá-los próximo a entrada da cidade, aquela que tem uma torre...

— Tome cuidado irmão.

— Vocês também, mas antes... — John pegara duas pequenas almofadas e as passou uma em cada filhote.

— O que está fazendo? — Jenny perguntou.

— Eles só podem estar atrás dos filhotes, pois são uma raridade de nossa espécie... Então eu os levarei comigo! — afirmou rindo e mostrando as almofadas com vestígios do cheiro de cada filhote. Em seguida John foi até Auron e Noru e os lambeu dizendo:

— Até breve meus pequenos... — olhou para Allec e Jennifer e continuou: — Se cuidem... Antes de eu me aproximar de vocês novamente irei

uivar, caso eu não o faça, tomem cuidado.

O casal assentiu e encararam o alpha determinados a seguirem o plano. Todos os lobos ficaram em suas posições e ao sinal de John, com as duas pequenas almofadas na boca, Jennifer abriu a porta e o alpha disparou para fora.

John correu o mais rápido que pôde e conseguiu sentir as criaturas o perseguindo e pensou: “Isso! Deu certo!”, continuou correndo em direção ao riacho. Ao chegar lá escondeu as almofadas entre alguns arbustos e se preparou para enfrentar seja lá o que fosse. Eles se aproximavam e John sabia que o vigiavam das árvores e rosnou.

— Apareçam, seus covardes! Sei que estão aí!

De repente uma jovem moça de cabelos longos e ruivos, aparentando ter seus 17 anos, surgiu entre as árvores dizendo:

— Olá cachorrinho!

— Você vai ver o cachorrinho quando eu esfaquear essa sua cara! — John rosnou eriçando os pelos.

— Ora, isso são modos com uma dama? — surgiu um rapaz com os cabelos loiros do mesmo local e aparentava ser mais velho.

— O que são vocês e o que querem seus desgraçados? — John perguntou e fingia proteger o arbusto, no qual estavam as almofadas.

— Queremos os pequeninos de sua espécie, que estão neste arbusto atrás de você... E nós somos... Ah não importa! — a moça lançou um sorriso.

— Só por cima do meu cadáver! — John avançara neles, que se esquivaram e correram em direção ao arbusto, mas antes que pudessem bisbilhotá-lo, John foi para cima deles e por pouco não acertou o ombro da moça com sua pata, porém arrancou alguns fios avermelhados do cabelo dela. Fazendo os dois voltarem para os galhos das árvores, no qual John teria desvantagem.

— Grrr... Na próxima será a sua cabeça! — ele voltou a eriçar os pelos.

A moça olhou para o rapaz, que fez um sinal positivo bem sutil, e saltou dos galhos, ficando a uns dez metros de distância de John.

— Não tenho medo de você lobo... — ela esticara as mãos, fazendo aparecer suas garras de aproximadamente seis centímetros e também suas presas.

John avançara novamente, e quando foram se atracar, ela saltara por cima dele, mas ela não esperava que ele enxergasse seus movimentos e a pegou pelo pé, dando um giro e a lançando longe na escuridão.

Em questões de segundos, John sentira o homem em suas costas, que começou a arranhá-lo, mas com a adrenalina não sentira dor. Pegou impulso e se jogou de costas contra o chão com intenção de esmagá-lo, mas o homem era ágil.

Quando John se levantou e fora na direção do homem, sentiu algumas picadas no quadril. A garota tinha voltado e disparara dardos tranquilizantes de cima da árvore. Sua visão começou a embaçar e apagou rapidamente.

— Esses cães são sempre tão grosseiros? — perguntou a garota arrumando o cabelo, enquanto voltava ao normal e foi até o arbusto.

— Não conheci muitos puros, mas geralmente só querem saber de morder e morder, esse aqui foi um dos poucos que dialogaram... — retirara o arbusto e resmungou ao ver as almofadas. — Desgraçado, ele nos enganou!

— Vamos matá-lo igual à outra? — a garota perguntou.

— Não Megan, ainda não, até porque ele também é raridade hoje em dia, pois estão quase extintos... Vamos levá-lo conosco, pode ser útil para encontrar os filhotes.

— Tá, tá, você manda Michael

.

Capítulo 7

Correntes

John sentira uma mão suave e familiar acariciar seu rosto, enquanto dizia:

— Amor... Acorde amor...

— A... Acira? — ele sussurrou ao despertar, mas ela havia desaparecido. Levantou com um pouco de dor, pois a cura de seus ferimentos estava lenta, por estar a quase um dia sem se alimentar direito. — Que lugar é esse? — perguntou a si mesmo, analisando o ambiente gelado e sem iluminação. O chão possuía vigas e buracos do tamanho de camundongos e tinha goteiras por toda parte. Começou a farejar o lugar. As paredes eram de pedras, com algumas partes cheias de fungos, devido ao péssimo estado de conservação. John também avistou correntes penduras na parede e uma pequena vidraça com grades. Foi até a grade da cela, que seria sua única saída, mas antes que tocasse nas barras de ferro, a voz de uma garotinha o surpreendeu.

— Eu não tocaria nelas se fosse você e eles não vão te deixar sair até dar o que querem...

John se aproximou farejando a parede da cela ao lado, e encontrou um buraco, no qual avistou os pequenos olhos verdes, que o observavam e perguntou:

— O que são eles, garota?

— Eu os chamo de sanguessugas... — disse a voz de um homem, que se encontrava em outra cela, logo à frente.

John farejara cerca de três lobos transformados, que estavam em forma humana. Mesmo sem vê-los, ele sabia através do cheiro, pois quando humanos, os lycans e principalmente os transformados, ficavam com seus cheiros mais fracos e também vulneráveis.

— Já ouvi falar sobre eles, mas nunca os encontrei antes... Pensei que fossem apenas histórias para assustar crianças.

— Como consegue ficar nesta forma sem a lua cheia e consciente? — perguntou a menina curiosa.

— Eu nasci assim...

— Você é um puro sangue então? — perguntou o homem de outra cela e John assentiu.

— Você é um lobo solitário? — a menina questionou.

— Não, eu possuo uma alcateia... Falando nisso... — John caminhou até a pequena janela e soltara um uivo profundo e bem alto.

— Por que fez isso? — a menina se encolheu na parede contra as grades e os homens a imitaram, como se estivessem com medo.

— O que há de errado com vocês? — John perguntou intrigado.

— Não devia ter feito isso, agora eles virão pra cá... — respondeu a menina.

John ficara em silêncio e foi para o fundo da cela, quando avistou uma luz amarelada, que se aproximava e a voz de um homem ecoou bem alta.

— Conhecem as regras vira-latas, o responsável pelo barulho inconveniente deverá se entregar, senão todos serão castigados! — John avistara o homem um pouco acima do peso e de cabelos castanhos. Em seguida, uma voz feminina também ecoou pelo ambiente.

— Dia de sorte deles Edgar, eu já sei quem foi... — a garota ruiva aparecera novamente e parara na frente da cela de John. — Este aqui! O novato... Aproveitando o castigo, vim aqui interrogá-lo. — ela lançara um olhar malicioso para o lobo. John nada disse e só os ameaçava mostrando os caninos. Ela então ordenou: — Pendurem-no!

Três homens entraram na cela com bastões de choque, o cercando. John sabia que não eram humanos, por isso teria que tomar cuidado. Perambulava de um lado para o outro no fundo da cela, com os olhos atentos nos estranhos. Quando o primeiro homem avançou com sua velocidade sobre-humana, John fingiu ser um alvo fácil, mas quando fora receber a descarga elétrica, segurou a mão do homem firmemente e o lançou contra o outro. Desviou do terceiro homem, que surgira por cima e correu em direção a porta, que estava aberta. Quando colocou as patas para fora, foi surpreendido por uma descarga elétrica no pescoço. A vampira havia se escondido no teto rochoso, com várias vigas de metal enferrujado, no qual ela tinha se pendurado. Sentiu a descarga pelo corpo e tentou se levantar, mas os outros homens se aproximaram rapidamente, aproveitando que ele caíra no chão e direcionaram as armas de choque, o fazendo gritar até ficar inconsciente. Como o ambiente era uma penumbra, os choques pareciam fogos de artifícios, num intervalo muito curto de um para o outro.

— Pendurem-no! — repetiu a mulher.

Os homens rapidamente o arrastaram para dentro da cela e soltaram os ferros, que ficavam presos às armações das correntes.

John sentia seus braços dormentes, tentou movê-los enquanto recobrava a consciência, mas barulhos estridentes vieram a cada movimento. Tentou arrancar as correntes por várias vezes, até que uma voz o interrompeu.

— Já tentamos isso, não conseguirá rompê-las... — afirmou o homem da cela à frente. — Só Deus sabe do que estas correntes são feitas, se é que ele existe.

— Droga! — John rosnou.

— Você tá bem? — perguntou a menina receosa, aproximando-se novamente da cela de John.

— Tirando a parte de eu estar acorrentado, já tive dias melhores...

Barulhos de passos se aproximavam das celas novamente e todos ficaram em silêncio. A vampira parara na frente da cela de John, mas desta vez estava sozinha e vestia um jaleco branco.

— Você de novo? — John perguntou em tom de deboche.

— Sentiu minha falta é? — a vampira sorriu e abriu a cela.

— Nem fodendo! — John rosnou.

— Falando nisso... — ela caminhou até ele e começou a tocá-lo e continuou: — Se colaborar podemos nos divertir mais tarde...

— Tire suas mãos imundas de mim!

John lhe direcionara várias dentadas, mas graças às correntes, ela estava em uma distância segura.

Ela sorriu maliciosamente e perguntou:

— Onde eles estão? Basta apenas responder esta pergunta simples e poderá ser livre novamente.

— Vai para o inferno! — John cuspira nela e soltara um riso zombeteiro.

— Acha engraçado? — ela esfregou o rosto em um pano, que tirara do jaleco e disse sorrindo: — Eu já estou nele meu querido, igual à outra cadela de sua alcateia...

— Do que está falando?

— Eu mesma a mandei para lá... Infelizmente ela não quis colaborar conosco, então não tive opção a não ser matá-la... E acontecerá o mesmo com você se não colaborar! — ela dizia cada palavra bem tranquila e limpando as unhas, mas sabia que ao citar a loba, mexera com ele.

— Sua desgraçada! — ele tentou avançar nela novamente. — Eu vou acabar com sua raça!

Ela o encarou, como se aquela ameaça não significasse nada e deu as costas para ele dizendo:

— Bom em breve você irá colaborar e será por bem ou por mal!

— Grrr... Volte aqui sua desgraçada! — John gritou e ficava dando uns trancos nas correntes com a intenção de arrebentá-las. Após alguns minutos, John parou pela exaustão e por estar faminto.

No meio do trajeto ao local de encontro combinado, Allec e Jennifer nem sequer chegaram na entrada da cidade, pois mudaram de rota, após ouvirem o uivo de John a alguns quilômetros de distância. Mantinham-se na forma de lobos

e mesmo caminhando bem próximos de uma estrada pavimentada, eles eram camuflados pela densa floresta, que cercava a cidade. Fazia algumas horas em que eles caminhavam desde que fugiram da fazenda, até que os filhotes acabaram se deitando no chão, por estarem exaustos.

Jennifer deitou-se ao redor dos filhotes e Allec analisara, que não deviam estar muito longe de onde viera o uivo de John. Ele colocou a mochila que carregava no chão e pegou um pedaço de carne, começando a mastigá-lo. Os filhotes ao notarem o que ele fazia, se aproximaram de Allec e começaram a abanar suas caudas. Ele mastigara e engolira parcialmente a carne, mas a regurgitou para os filhotes, deixando a carne mais macia, pois eles ainda não estavam muito acostumados a comerem alimentos sólidos.

Enquanto eles comiam, Allec se aproximou e deitou ao lado de Jenny perguntando:

— E você amor, está bem? Não está com fome também?

— Eu estou bem, vamos guardar o que trouxemos para eles, pois precisam mais do que nós... E podemos pegar qualquer animal depois.

— Se você diz. — ele comentou e a acariciou com o focinho.

Depois de descansarem por algumas horas, Allec guiava o caminho, mas parou de repente, colocando a mochila no chão, enquanto comentava:

— Estamos próximos Jenny, mesmo fraco, consigo sentir o cheiro dele...

— Allec estava perto de uma poça de lama e surpreendeu a Jenny e os filhotes ao se jogar nela de costas.

— O que está fazendo Al? — ela perguntou e os filhotes imitaram o comportamento de seu tio.

— Disfarçando nosso cheiro! — ele riu após ver os filhotes se lambuzando também. — Falta você Jenny!

— Sério que terei que fazer isto? — ela se aproximou da poça e farejou, tampando o focinho em seguida. — Essa lama tá fedida!

— Essa é a ideia, seja lá o que forem, devem possuir um olfato similar ao nosso...

— Sem chance Al... Não vou me jogar aí... — ela deu alguns passos pra trás.

— Bom... Se você não quer fazer isto então... — ele levantou rapidamente e pulou em cima dela a derrubando de costas. — Me dá um abraço! — afirmou se esfregando nos pelos dela, manchando os graciosos pelos brancos de um tom marrom acinzentado e ela rosnou:

— Allec! Para com isso! — ela o empurrou com as patas traseiras e ele voltou para lama. — Olha o que você fez!

— Você tá linda amor! — ele riu e se assustou quando ela deu um pulo em direção a ele.

— Agora você vai ver! — e os dois rolaram na lama.

O sol já dava sinais de sua despedida diária.

Jennifer e Allec haviam encontrado um galpão, bem próximo do mar e um pouco afastado das residências. O lugar parecia mais como uma garagem antiga, mas o cheiro de John vinha forte daquele local. Eles observaram durante algumas horas e haviam deixado os filhotes escondidos e presos há alguns quilômetros dali.

— Ele está lá, posso sentir! — afirmou Allec.

— O que faremos agora? Não parece ter muita gente lá dentro...

— Também acho, farejei em torno de umas cinco pessoas, ou seja, lá o que forem...

— Como chegaremos lá sem nos verem?

— Eu tive uma ideia...

Quando foram correr em direção oposta ao galpão, eles se surpreenderam pelo uivo de um lobo. John já sentia a aproximação deles, mesmo com seus cheiros disfarçados.

John continuou a uivar, mesmo ouvindo os alertas de seus companheiros de cela e dois dos guardas apareceram. Um dos homens o ameaçou:

— Olha vira-lata, se não parar agora, eu juro que irei te eletrocutar até seu coração parar!

John o ignorou completamente e soltou outro uivo.

— Ora seu... — eles abriram a cela impacientemente e começaram a eletrocutá-lo. — Te avisamos! Tente uivar agora desgraçado!

John, já quase inconsciente, fora poupado temporariamente ao escutarem barulhos de sirenes, que os fez parar.

— Edgar, é aqui!

— Droga, o que será desta vez?

— Vamos verificar... Terminamos com você mais tarde!

Afirmou o homem dando um soco no estômago de John que gemeu de dor, porém ainda consciente, soltou um breve sorriso após a saída dos guardas.

Allec e Jennifer observavam a conversa entre os policiais e os homens que foram atendê-los, sobre a denúncia que receberam do lugar. O jovem casal encontrava-se escondidos e camuflados entre as árvores, na lateral esquerda do

galpão. Além das árvores ao redor, também havia carcaças de carros e pilhas de ferrugem, aparentando ser um ferro velho.

Jenny olhara para Allec, que acenou positivamente e ele guiou o caminho através do olfato. Entraram pela porta dos fundos, antes trancada por um cadeado, que fora destruído pelos lobos. Mesmo estando escuro, Jennifer não deixou de notar o mal estado de conservação, em que o galpão se encontrava. O cheiro de ferrugem era forte por todo lugar, e graças a sua nova habilidade de enxergar no escuro, conseguia ver as enormes teias de aranha por toda parte e também os roedores, que fugiam com a presença dos predadores. Eles sorrateiramente vasculhavam dentro do galpão, entre os montes de caixas e containers espalhados por toda parte. O casal encontrou uma pequena porta de madeira no chão, que estava aberta. Ao se aproximarem, eles tamparam o focinho, devido ao cheiro forte de urina e esgoto, que saíam daquela passagem subterrânea.

A loba se segurou no braço de Allec e não tiveram opção, a não ser descer por aquela escada, de onde vinha o cheiro de John. Hesitantes, avistaram um corredor e não havia iluminação. Conforme caminhavam, notou a presença de outros lycans, que os observavam em silêncio. Na última cela encontraram John, que estava pendurado por correntes e Allec sussurrou ao vê-lo:

— John!

Mesmo ofegando, John conseguiu dizer:

— É bom ver vocês!

Allec tentou abrir as grades, mas queimou suas patas ao tocar nos ferros e grunhiu de dor.

— Onde estão as chaves? — Jennifer perguntou a John, após analisar as patas de Allec, que já se regeneravam.

— Com o homem gordo, ele as carrega na cintura... — disse a menina da cela ao lado.

— Escondam-se, rápido! Eles já estão voltando. — alertou John.

Allec e Jennifer se esconderam entre as vigas de metal e entre o teto rochoso, permanecendo em silêncio.

— Cacete, odeio esses policiais, sempre se intrometendo onde não devem... — resmungou Edgar.

— Vamos verificar depois com os superiores e descobrir quem fez essa denúncia.

Pararam em frente à cela de John e Edgar disse:

— Olá amigo, não achou mesmo que havíamos nos esquecido de você, achou? — comentou enquanto destravava a porta e preparava os bastões de choque. John rosnou e começou a gritar quando recebeu novamente as descargas.

Algo havia fechado a grade atrás dos homens e quando foram olhar, um lobo avançou na garganta e o outro quebrou o pescoço do guardião das chaves.

— Rápido Jenny, antes que mais deles apareçam! — eles começaram a soltar as correntes de John, que caiu ajoelhado, pois sentia-se atordoado. — Segura no meu ombro, mano... — disse Allec o ajudando a levantar, enquanto Jennifer libertava os outros lobos.

— Precisamos sair daqui, agora! — Jennifer afirmou indo na frente, enquanto observava o ambiente.

— Nós o carregamos e você vai à frente com a loba para verificar o caminho. — disse um dos homens para Allec, que se posicionaram para ajudar John a caminhar.

Por sorte, os outros homens de guarda eram humanos, que não tinham como “farejar a situação”, e por isso os lobos passaram despercebidos por eles e chegaram sem muitas dificuldades à floresta.

— Pensei que nunca sairíamos de lá, muito obrigado por isso! — afirmou um homem de cabelo grisalho.

— Não há de que! — respondeu Allec. — Quem sabe um dia não possamos nos encontrar de novo, não é?

— Seria um prazer, bom estamos indo, boa sorte a vocês!

— Obrigado... — agradeceram os lobos.

— Pra vocês também! — respondeu John, que já havia se recuperado dos choques. Os três lycans olharam para a garotinha ruiva.

— E você menina, tem alguma família te esperando? — John questionou e ela apenas acenou negativamente.

— Aliás, qual é seu nome?

— É Rebeca senhor...

Os lobos se entreolharam e John continuou:

— Me chame de John, Rebeca, e estes são Allec e Jennifer.

— É um prazer! — disse a garota timidamente.

— O prazer é todo nosso! — respondeu Jennifer.

— Gostaria de vir conosco? — John perguntou.

A menina começou a chorar e acenou positivamente.

— Seja bem vinda! — Jennifer se aproximou e perguntou: — Posso verificar uma coisa?

Rebeca acenou novamente e ela começou a tocar-lhe atrás do ombro e parou ao sentir um pequeno relevo.

— É exatamente o que eu pensava... Irei removê-lo, tudo bem?

— Tá bem... — Rebeca respondeu.

— Sou só eu que não estou entendendo nada? — Allec direcionara a pergunta a John, sem desviar o olhar de Jenny e Rebeca, que estava há alguns metros de distância.

— Não... Também não sei o que se passa ali...

— Irá doer um pouco... — ela a segurou firmemente. — No três, ok?

A menina confirmou com a cabeça e fechou os olhos, se preparando para dor.

— Um... — Jennifer a surpreendeu ao cravar as garras antes do tempo combinado e a menina começou a gritar.

— Jenny, o que está fazendo? — perguntaram os machos surpresos.

— Isso! — ela mostrou um pequeno chip, que arrancara do ombro de Rebeca, que chorava em silêncio. — Eles iriam nos rastrear através dela... Quando caçadora, fazíamos isso para encontrar as alcateias... — Jennifer começou a lambê-la para estancar o sangue. — Pronto, está tudo bem agora, você é muito forte Rebeca! — ela a abraçou, enquanto a menina ainda chorava, retribuindo o abraço e Jenny continuou: — Eu ainda estou desconfiada, achei fácil demais o resgate... É como se...

— Como se estivessem nos observando agora e esperando que os levemos até os filhotes... — interrompeu John, começando a farejar o ambiente.

Allece o imitou e disse:

— É estranho, porque eu não consigo farejá-los direito...

— É wolfsbane Al... — comentou Jennifer olhando ao redor e afirmou: — É melhor irmos!

— Rebeca, venha, suba nas minhas costas. — ordenou John, ficando em sua forma quadrúpede.

E os lobos começaram a correr rumo aos morros, que davam caminho para uma floresta.

Capítulo 8

Wolf Pack

Já tinha escurecido, quando um grupo com três vampiros seguiam na direção dos lobos. A vampira corria na frente e olhava a todo tempo para o equipamento, que os guiava dentro da floresta.

Ela sinalizara com a mão e todos escalaram uma árvore e pararam, para ter uma visão panorâmica.

— Estamos perto, ao que tudo indica, eles entraram naquela caverna. — ela apontara com o dedo e continuou: — Muita cautela... Desta vez enfrentaremos uma alcateia, como daquela vez...

— Já sabemos Megan, isolar os fracos e blá, blá, blá... — respondeu Thomas, que possuía cabelos castanhos e levemente aparados, com aparência de um jovem de vinte e poucos anos.

— Você falando assim parece fácil, mas em grupos eles são mais fortes, seu idiota!

— Que seja, mas vão tudo virar casacos de peles de qualquer modo...

— Quietos! — ordenou Michael. — Escutei algo vindo lá de dentro... Definitivamente estão lá.

— Será que os filhotes estão com eles? — perguntou Megan.

— Que se danem essas drogas de filhotes, vamos acabar com todos! — respondeu Thomas.

— Precisamos dos filhotes vivos, se os matar, eu mesmo acabo com você! — afirmou Michael.

Thomas ficou quieto após a ameaça e Michael continuou:

— Já os demais lobos, vocês tem permissão para eliminá-los.

Em questão de segundos os vampiros chegaram até a caverna, devido à velocidade sobre-humana, mas adentraram com cautela.

— Essa caverna é bem longa... — sussurrou Thomas.

— Quietos, eles podem nos ouvir! — sussurrou Megan.

De repente os três pararam ao avistar a garotinha de cabelos alaranjados, encolhida, abraçando os próprios joelhos e de costas para eles.

— É uma dos que fugiram! — afirmou Megan, que se surpreendeu ao ser empurrada por Michael para alguns metros à frente e por muito pouco os lobos não os tinha esmagado.

Os lycans haviam se escondido nas rochas pontiagudas no teto da caverna e pretendiam pegá-los de surpresa.

— Desgraçados! — resmungou Megan ao se recuperar do susto.

John soltara um riso e disse:

— Desculpe por assustá-los, não era nossa intenção...

— Vejo que será uma luta justa! — afirmou Allec.

— Apenas entreguem os filhotes e iremos embora... Daí ninguém se machuca! — afirmou Michael.

— Já pensou no absurdo que está dizendo? Nenhum pai entregaria os próprios filhos nas mãos de sanguinários como vocês! — John rosnou e gritou para distrair os vampiros. — Agora Rebeca!

Os vampiros olharam rapidamente para a garotinha, que se escondeu para não atrapalhar a luta e os lobos avançaram. Eles dispararam os tranquilizantes em direção aos lobos, mas como estavam próximos, conseguiram desviar facilmente e o grupo de vampiros acabou se dividindo. Jennifer foi atrás de Thomas, Allec em direção a Michael e John atrás de Megan.

John investia rápido e Megan tentava se esquivar entre as diversas rochas do local, mas o lobo enxergava todos os seus movimentos.

Megan era ágil, assim como John, que não parava de avançar contra ela. Ambos ficando cansados devida a dança entre as garras, que só parariam ao arrancar o último suspiro de um deles.

Jennifer avançava ferozmente em Thomas, no qual se esquivava e revidava as investidas, mas o que o vampiro não esperava é que Jennifer se defendesse com artes marciais, visto que a mesma cresceu aprendendo defesa pessoal.

Rebeca, assustada, achou uma brecha entre o caos e correu em direção à saída da caverna.

Allec encurralara Michael em algumas rochas e quando foi atacar o vampiro, Michael saltou por cima dele, pousando a alguns centímetros de suas costas e o arremessara aos pedregulhos com um potente chute. Com o sangue fervendo, Allec se levantou rapidamente entre a poeira que se erguia e voltou a atacá-lo.

Allec tentava pegá-lo com suas garras e com a adrenalina subindo pra cabeça, os movimentos dele ficaram previsíveis para Michael, que na menor das brechas, o surpreendeu perfurando o na região do estômago, mas só não fora mais fundo, porque o lobo conseguira segurar aquele braço gélido. Com a dor do ferimento, Allec não conseguiu revidar e focara sua força em sua pata que segurava as garras, que entravam cada vez mais fundo na carne. O vampiro o derrubara com uma rasteira, sem afastar suas mãos e ficara sobre o lobo, tentando perfurá-lo mais fundo. O vampiro preparou as garras da outra mão, que forçou em direção ao pescoço de Allec, que segurava com dificuldade, pois o lobo estava enfraquecendo. O vampiro forçou ambas as mãos contra Allec, que rosnava de dor, mas ele não esperava que uma pequena loba de pelagem mista de cinza, caramelo e bordô, com

olhos amarelados, surgiria e abocanharia a garganta de Michael. Era lua cheia e Rebeca havia retornado. Mesmo inconsciente, o cheiro de seus novos companheiros eram muito valiosos para ela.

A loba o arrastava como se fosse um pano, sem dar a oportunidade para que ele revidasse. Allec ignorou a dor e a ajudou a estraçalhá-lo, em seguida avançaram em Thomas.

A vampira notou que estava em desvantagem e o grito de Thomas ao ser mordido pelos três lobos que o encurralaram, a fez desviar a atenção de John por um segundo, que foi o suficiente para ele a agarrar pela coxa. Com a dentada firme e rápida, ergueu-a por cerca de dois metros e a girou em direção ao chão, ficando de costas para ele. Ela sentiu um peso em suas costas. John rosnou para os outros lobos que se aproximaram, mas ele recusou a ajuda. Com uma das patas pressionou a cabeça da vampira contra a rocha e disse:

— Agora sua desgraçada, farei com você o mesmo que fizera com ela!

— Outros de nós virão nos encontrar e irão atrás de cada um de vocês!

— ela resmungou com a face pressionada nas rochas.

— Isso se sobrar algo de vocês e que venham! Faremos o mesmo com seus amiguinhos! — John cravou as garras nas costas dela, e a rasgou bem lentamente, fazendo exatamente os mesmos cortes que haviam feito em Acira. Megan gritou até lacrimejar e quando perdia a consciência, sentiu os dentes de John cravarem em seu pescoço e tudo ficou escuro. John chacoalhou o corpo até que a cabeça se desprendesse do mesmo e após a vitória, começou a uivar sendo acompanhado pelos outros lobos.

Auron despertara de seu longo cochilo. Inquieto e com fome, começou a procurar por alguma abertura entre a toca da árvore e a grande rocha, em que Jenny e Allec os haviam prendido.

Noru despertou com o uivo desajeitado do irmão, que clamava por ajuda familiar e resolveu se juntar a ele. Eles estavam em um bosque e bem próximos de várias residências, pois caso a matilha não retornasse, algum morador poderia encontrá-los mais cedo ou mais tarde.

Auron e Noru choravam há algumas horas e faziam pequenos intervalos para recuperarem o fôlego. Uma cadela de porte médio e sem raça definida os havia encontrado e latia para eles, até que seu jovem dono fosse até ela.

O adolescente ordenou para que a cadela viesse até ele, mas acabou indo até ela. Ao se aproximar da árvore, se assustou quando ouviu filhotes chorando e cavando entre a árvore e uma rocha, que parecia ter sido colocada ali propositalmente de maneira inclinada, prendendo aqueles animais. O garoto

analisou a enorme pedra e xingou aqueles que haviam feito tal crueldade. Tentou empurrar a pedra, mas sozinho não iria conseguir e pegou o telefone para pedir ajuda a um amigo.

Como o amigo morava próximo, chegou alguns minutos depois e o jovem explicou a situação. Juntos eles conseguiram remover a rocha e ambos ficaram fascinados pelas criaturinhas que encontraram.

— Que lindos, parecem ser da raça Malamute. — disse se agachando e aproximando a mão livre, pois a outra segurava um celular, que iluminava os filhotes encolhidos dentro da toca na árvore.

— Devem ter aproximadamente sete meses pelo tamanho... — comentou o outro adolescente, mas Auron e Noru estavam com apenas um mês e alguns dias. Farejaram a mão dele, um pouco com receio, mas quando a cadela se aproximou os três começaram a abanar as caudas.

— Eles valem um bom dinheiro mano... Essa raça é cara! — afirmou o amigo.

— Bom vamos levá-los, parecem estar com fome.

No meio da madrugada, os filhotes dormiam no quarto do garoto que os resgatou. O jovem fizera um ninho com jornais, próximo ao armário e a cadela dormia junto aos filhotes. Seus pais não estavam em casa naquela noite, pois tinham ido visitar uma tia, que morava a algumas horas de viagem. Eles insistiram para que o jovem os acompanhasse, mas reclamou tanto que seria entediante, que seus pais acabaram atendendo o seu pedido e o deixaram em casa. Sua cadela foi uma de suas desculpas, pois alguém teria que tomar conta do animal.

Algun barulho no quintal fizera a cadela despertar e foi em direção as escadas. O garoto acordou com os latidos e choramingo da cachorra do lado de fora. Algo a silenciara. Começou a ficar nervoso e foi até seu armário em busca de seu bastão de beisebol, uma relíquia que guardava para lembrar-se dos jogos, que praticava quando mais novo.

Os filhotes agora acordados ficaram agitados e sentiu um vento gelado vindo da janela. Paralisou por alguns segundos antes de se virar, visto que tinha fechado a janela. Ao se virar, seus olhos se arregalaram ao se deparar com um lobo enorme e de pelagem negra, que apenas o encarava. O mesmo se sentou no chão e acariciou os filhotes com a cabeça, que pulavam de alegria ao vê-lo. O garoto ficou em choque e não conseguiu se mover.

John voltou o olhar para o garoto e foi em sua direção, que recuava a cada passo, até que encontrou o fundo de seu armário. John vagorosamente se aproximou sem mostrar sinais de hostilidade. Farejou o garoto por alguns segundos e se afastou após dizer:

— Obrigado por tomar conta deles...

— V-Você fala? Como é possível?

O lobo o encarou novamente e comentou:

— Se contar a alguém o que está vendo e ouvindo agora, eu voltarei e acabarei com todos seus entes queridos... Eu guardei seu cheiro e poderei encontrá-lo a quilômetros de distância.

— Não falarei... Eu juro! — o garoto respondeu a ameaça e seu coração começou a disparar.

O lobo lançou um último olhar ao abocanhar Auron e pegou Noru com sua pata esquerda e saltou da janela. O jovem se recuperou do medo que sentia e correu até a janela, mas os lobos haviam sumido.

Allec avistou John, já dentro da floresta com os sobrinhos nos braços e foi ao seu encontro. Os demais do bando o seguiram e Allec disse ao se aproximar:

— Que bom que eles estão bem! — começou a rodear os pequeninos de maneira brincalhona, que já estavam no chão e retribuía os gestos, pulando e correndo entre as patas de Allec e Jennifer.

Todos se encontravam em sua forma quadrúpede. Quando John viu Rebeca se aproximar dos filhotes de maneira hesitante, entrou na frente dela rosnando em sinal de alerta, pois ela não tinha controle nem consciência de seus atos e teria que aprender, assim como Jennifer. A loba ao receber a mensagem, se deitou rapidamente e ergueu sua barriga para cima em sinal de submissão. Antes que John se afastasse, os filhotes a avistaram e pularam em cima da nova integrante, que foi virando seu corpo devagar e começara a abanar a cauda, enquanto farejava os filhotes.

— Fica tranquilo John, pelo que parece ela demonstra ser uma loba dócil e submissa... — comentou Allec.

— Não julgue o livro pela capa Al... E jamais abaixe a guarda... — John comentou sentando-se. — Fiquem de olho nela quando estiver transformada, pelo menos até ela aprender a controlar.

— Pode deixar! — afirmou Jennifer.

John se levantou, abocanhou Auron, que farejava próximo a orelha de Rebeca, passou por cima dela e o deixou no chão novamente, perto de alguns arbustos e disse, continuando a andar sem olhar para trás.

— Vamos, está na hora de irmos e seguirmos no caminho, do qual realmente nascemos para ser.

Allec e Jennifer se entreolharam e ela seguiu John, sendo acompanhada por todos os outros lobos.

Allec olhou para trás, observando a cerca de algumas dezenas de metros, as casas dos humanos. Algumas lembranças vieram em sua mente, como a de seus amigos humanos que deixara para trás, além das coisas que gostava como vídeo games, livros e comidas humanas, no qual teria que abrir mão ao seguir os passos do alpha. Allec respirou fundo e voltou a si quando Jennifer o chamou. Ele a encarou sorrindo e caminhou até ela. Foi aí que ele decidiu, independentemente ou não de estar entre os humanos, escolheu seguir o caminho de seu irmão, pois amava a todos daquela alcateia.

Era primavera e a quantidade de diversos insetos dobrava nesta época do ano. Dez anos havia se passado e dois jovens lobos envoltos por um enxame de mariposas, disputavam quem conseguia abocanhar a maior quantidade. Na brincadeira, Noru pulou em seu irmão e os dois rolaram pelo chão se mordendo. Auron conseguiu derrubá-lo e correu para longe das mariposas.

— Volta aqui, mano! — Noru gritou, enquanto perseguia o irmão.

— Duvido você me alcançar sua lesma!

Era mais ágil que o irmão e driblava Noru com facilidade, mas parou de repente ao avistar seu tio atrás de alguns arbustos. Levou um susto quando Noru chegou com tudo e o derrubou de maneira, que os dois rolaram no pequeno barranco e acabaram esbarrando em Allec.

— Quem é a lesma agora? — perguntou Noru em cima do irmão.

— Você! Só me alcançou porque eu parei! — disse esperneando para sair de baixo de seu irmão, enquanto seu tio, na mesma posição, apenas virou a cabeça e perguntou:

— O que vocês estão aprontando desta vez?

— Nada tio Allec... Estávamos caçando mariposas... — respondeu Auron.

— E você tio? — perguntou Noru.

— Apenas observando... — os irmãos curiosos o encararam e escalaram o tio para enxergarem além do arbusto a sua frente.

Avistaram um grupo de jovens humanos que acampavam há cerca de oitenta metros de distância.

Rebeca já com seus vinte anos de idade, tornou-se a fêmea alpha recentemente, mas John e ela já haviam se acasalado diversas vezes, desde seus dezessete anos, que foi quando a garota começou a demonstrar interesse pelo sexo oposto. Afastados a algumas dezenas de metros dos demais membros da matilha, os alphas quase que diariamente, viviam dando suas "escapadas".

— Arf... Ahhh... Grrr... — Rebeca rosnara para John, ao sentir os dentes dele na grande massa atrás de sua nuca, que a puxava de maneira suave a cada investida. Soltou a carne dela após o aviso e começou a esfregar o focinho nos graciosos pelos cinzentos, com um misto de caramelo e bordô. Agarrou os quadris com mais força e se deliciava com a visão da costa e curvas da jovem fêmea submissa. Acelerou por alguns segundos até que ambos chegaram ao orgasmo, os fazendo soltarem pequenos rosnados de prazer.

Rebeca deitou-se na folhagem.

— Te amo... — ela disse quando ele a lambeu no focinho.

— Descanse um pouco, está bem? Você e Jennifer não devem fazer muito esforços durante a gravidez.

Ela acenou positivamente e adormeceu, enquanto John sumira entre os arbustos. Rebeca esperava sua primeira ninhada do alpha do bando e estava em seu primeiro mês de gestação.

Jennifer aos vinte e seis anos, também esperava sua primeira ninhada, estava quase no término da gestação e em questões de dias os novos integrantes chegariam. O futuro papai Allec não via hora de conhecer seus filhotes.

O grupo se tornara nômade. Permaneciam em certo lugar por alguns meses, mas sempre se mantinham próximos aos rastros da manada de bisões, que eram sua principal fonte de alimento. Desde o incidente com os vampiros e da perda de Acira, John guiava a matilha para cada vez mais longe dos humanos, às vezes eles encontravam alguns aventureiros ou escoteiros no meio da mata, mas evitavam ao máximo o contato visual.

Um garoto próximo a algumas pedras e rodeado de troncos, notou que ninguém o olhava e tentou encontrar sinal com seu telefone que escondera nos bolsos, mas não conseguiu.

— O que ele tá fazendo tio? — perguntou Auron.

— Tentando usar o celular... Eu acho...

— O que é isso mesmo? — Noru perguntou fazendo uma careta tentando se lembrar.

— É um meio de comunicação deles... — respondeu Jennifer, que se aproximava dos machos.

— Tia! — os irmãos gritaram e os três abanaram as caudas.

— Shhhhh... Falem baixinho ou eles podem nos ouvir. — Jenny alertou e riu.

— Meu pai diz que eles são fracos e incapacitados de um monte de coisas, como a nossa audição, por exemplo... — comentou Auron.

— Isso é verdade, mas discordo sobre serem fracos... — Allec sorriu e encarara Jenny, que corara com aqueles penetrantes olhos azuis. — Um destes humanos arrancou meu coração!

— Oh querido... — Jennifer se aproximou de Allec e esfregou seu rosto ao dele, que retribuiu o carinho.

Auron e Noru se entreolharam e apenas observaram seus tios, mas um uivo distante e bem imperceptível chamara a atenção de todos, que olharam para o outro lado.

— John reencontrou a manada! — afirmou Allec se levantando.

Auron e Noru dispararam em direção ao uivo, Allec olhara pra Jenny e perguntou:

— Você vai ficar bem amor?

— Vou sim, não se preocupe... Irei me reunir com a Rebeca... Só tomem cuidado, está bem?

Allec acenou com a cabeça e correu a caminho dos demais.

Jennifer observou os humanos por alguns segundos e um filme passou por sua mente, desde que era caçadora. Lembrou-se de seus pais a ensinando a lutar e a como atirar e de como mudou sua perspectiva sobre os lycans, após conhecer Allec. Jamais havia se imaginado como loba e se perguntou como ela estaria hoje, caso tivesse feito uma escolha diferente no passado. Balançou a cabeça, como se quisesse esquecer e sumira entre as árvores.

Ela sentia falta de algumas coisas humanas, assim como Allec, mas ambos haviam feito uma escolha, e o que mais importava agora era o futuro da alcateia, que chegaria em breve.



Os gêmeos Auron e Noru.

Capítulo Bônus

O Início do Raio de Sol

Eram por volta de cinco horas da tarde de um dia de primavera. Charles corria com uma lebre em sua boca, em direção a seu grupo há alguns quilômetros de distância. Era aventureiro e gostava de caçar sozinho algumas vezes. No caminho farejou algo diferente na região e seguiu o odor que o levou até um barranco, cercado por densas árvores e arbustos. Assustou-se ao encontrar uma fêmea de pelagem dourada, pendurada de cabeça para baixo inconsciente e desidratada.

Charles largou a lebre e se aproximou da fêmea, analisando a armadilha que prendia a pata esquerda dela. Ela aparentava ter lutado bastante para se soltar e deviam fazer várias horas de que estava ali pendurada. Chegou bem próximo e ficou sobre duas patas, alcançando por muito pouco a corda que a prendia e começou cerrá-la com suas garras.

A loba despertou ao senti-lo bem próximo e quando se virou deu de cara com o abdômen dele. No susto rosnou e o empurrou para longe, o fazendo cair de costas no chão.

— Hey, qual o seu problema mulher? Estou tentando ajudá-la se não percebeu...

— Para mim parece que tentava algo mais, seu perverso!

— Perverso? Você não me conhece madame, se eu quisesse tentar algo já teria feito! — tentou se aproximar dela novamente, mas ela rosnou em alerta. — Se vai continuar agindo assim, tudo bem, não é da minha conta mesmo se você fica ou não pendurada aí até os caçadores aparecerem... — disse indo até a lebre e se preparando para ir embora.

— De qualquer modo, desejo boa sorte! — afirmou e deu as costas para ela.

— Espere! — o chamou com um olhar de clemência e desculpas.

— Não me deixe aqui... Por favor, me ajude...

— Olha só, então a senhorita tem bons modos. — ele largou novamente a lebre no chão e se aproximou.

— Me desculpe por antes, você me assustou. — ela disse desviando o olhar.

— Tá tudo bem, só aviso que precisarei tocá-la e segurá-la para não balançar a corda... Com o seu consentimento é claro.

— Ok.

Ele a virou de maneira que ficou de costas contra o corpo dele. Mesmo sem encará-la, pôde senti-la incomodada e envergonhada. Chegou bem próximo e continuou a rasgar a corda. Quando ela foi cair, ele a segurou pela cintura e a colocou no chão calmamente.

— Obrigada.

— Não é nada... — foi até a lebre e a jogou pra ela. — É melhor comer isso...

Ela farejou a lebre. — Tem certeza?

— Sim, não se preocupe, eu arranjo outra depois.

— Obrigada! — agradeceu e devorou o animal, porque fazia aproximadamente um dia, que não se alimentava.

— Você não é daqui, é?

Charles perguntou intrigado, pois nunca a havia visto na região. Ela apenas acenou negativamente, enquanto mastigava a carne e continuou:

— A propósito, pode me chamar de Charles... Charles Mool...

— Barbara Aniery. — ela respondeu e o encarou surpresa.

— Por que essa cara de surpresa?

— Já ouvi falar sobre o seu clã, é um dos clãs milenares, não é?

— É, tamo aí na luta... Lamento não dizer o mesmo, mas sua família é de onde? Pois é um clã novo para mim.

— Meu clã é da Itália, migramos pra cá há algumas décadas, mas somente eu e meu pai estamos na região.

— Entendi, e por que ele não veio caçar contigo?

— Ele anda meio doente... E onde estamos morando a caça está muito escassa, pois algo afastou os animais de lá. Como tive que procurar em uma distância maior, achei melhor ele ficar descansando e vir sozinho.

— De que local exatamente estamos falando?

— A aproximadamente 15 quilômetros daqui em direção ao sul...

— Você aparenta ter andando bem mais do que isso. — ele disse desconfiado.

— É que... Eu acabei me perdendo... — ela disse desviando o olhar e abaixando as orelhas.

— Como assim se perdendo? Utilize seu olfato oras! — se levantou e andou em volta dela.

— Eu... Eu ainda estou aprendendo... — ela colocou a cauda entre as pernas.

— Desculpe a pergunta, mas quantos anos tem Barbara?

— 18.

— E ainda não aprendeu a farejar uma trilha? — ele sentou-se de frente pra ela, que apenas acenou negativamente sem encará-lo.

— Quando foi sua primeira transformação?

— Há três semanas mais ou menos...

— Que curioso... É a primeira lycan que conheço, que se transformou em idade avançada...

— Falando assim até parece que sou uma idosa... — resmungou cabisbaixa sem encará-lo.

— Não foi o que eu quis dizer raio de sol, você está muito bem e é atraente aos meus olhos... — percebeu o que tinha acabado de dizer e ambos coraram e disfarçou mudando de assunto.

— Bom, vamos então!

— Como assim?

— Vamos, eu te levo pra casa!

— Sério? — ela perguntou abanando a cauda, enquanto o seguia.

— Quem seria eu se deixasse uma criança à deriva na floresta?

— Falou aí o ancião! — ela resmungou e riu.

— Ancião não, tenho apenas 23 anos minha jovem...

— Só é alguns anos mais velho e por que tá me tratando feito criança agora?

— Chega de perguntas e acelere o passo raio de sol, que em breve irá anoitecer. — ele comentou rindo.

Alguns quilômetros depois eles encontraram uma lareira e Charles disse:

— Vamos descansar aqui por esta noite, porque caminhar durante o dia é mais seguro nestas montanhas.

— Ok. — ambos se aconchegaram a uma distância de um metro um do outro.

Charles demorou a pegar no sono, pois vigiava ao redor e farejava o ambiente. Hora ou outra seus olhos se prendiam na loba dourada e ficava hipnotizado, perdido em seus pensamentos. Quando finalmente veio o sono, Charles despertou novamente ao escutá-la tremer, devido a baixa temperatura, que caía drasticamente durante a noite. Se levantou e deitou-se ao lado dela. O calor de seu corpo começou a esquentá-la e logo ela parara de tremer e Charles adormeceu junto a ela.

Na manhã seguinte, Barbara acordou com a luz do sol em seu rosto. Olhou ao redor e observou a folhagem ao seu lado, que indicava que ele havia dormido ali. Ficou corada, visto que nunca tivera contato tão próximo com outros machos, além de seu pai.

— Charles? — se levantou e começou farejar o ar em busca do cheiro dele.

Seguiu por um caminho em direção a uma pequena nascente e do topo do barranco o avistou. Escondeu-se atrás de uma árvore ao notar que ele estava nu e em sua forma humana. Charles mergulhava a cabeça e lavava o rosto juntamente do cabelo longo, metade de seu corpo estava coberto pela água, mas conseguira avistar os músculos bem definidos daquele macho atrevido, que a surpreendeu dizendo:

— Gosta do que vê raio de sol? — perguntou ainda de costas para ela e continuou se banhando na nascente. — Pode olhar, eu não me importo...

Ela não respondeu e pressionou seu corpo contra a árvore e seu coração disparara.

— Não precisa se esconder raio de sol, eu sei que está aí! — se virou na direção dela e continuou: — Venha se banhar, eu já estou de saída.

— Nem pensar! Eu sei que você vai me espiar! — ela gritou ainda atrás da árvore.

— O que foi que eu te disse? Se eu quisesse tentar algo já teria feito... Nós lycans jamais voltamos atrás com nossa palavra e se eu digo que não vou, não irei te espiar. Fico de costas pra você saber onde eu estou o tempo inteiro se quiser... — começou a se transformar e quando ficou na forma de lobo saiu da água. — Venha logo e pare de frescura, você tá precisando de um banho!

Ela saiu de trás da árvore após o tom de voz autoritário e avistou o lobo, já fora da água sentado entre as roxas na margem.

— Você promete?

Ele bufou e riu. — Você ouviu o que acabei de dizer, não ouviu?

Barbara acenou positivamente e se aproximou da nascente sem tirar os olhos dele.

— Olha, ficarei sentado aqui, para você saber onde estarei o tempo todo! — sentou-se de costas para o riacho e continuou após ouvi-la entrar na água. — Recomendo você se banhar em forma humana, é bem mais rápido e prático...

— Tá bem, obrigada. — ela seguiu seu conselho e alguns minutos depois o assustou ao se secar de maneira lupina e bem próxima, voando toda a água nele.

— Se sente melhor? — ele perguntou rindo, se levantou e chacoalhou os pelos novamente para tirar a água.

— Uhum, obrigada!

— Eu te disse que precisava de um banho! — Charles riu e continuou seguindo seu caminho.

— Você diz isso a todas as fêmeas do seu clã? — retrucou.

— É claro que não, somente aquelas que realmente precisam e também as crianças teimosas que não gostam de banho. — respondeu rindo.

— Hey! Pro seu governo eu gosto de tomar banho sim!

— Deu pra ver, até parecia que era um riacho banhado a prata por ter hesitado tanto...

— Não fala besteiras eu até...

— Shhh... — ele a interrompeu e começou a andar abaixado entre os arbustos.

— O que foi? — ela sussurrou, mas não obteve resposta. Barbara o imitou e se assustou quando ele saiu em disparada em uma direção e alguns metros depois conseguira abocanhar uma lebre. Permaneceram em silêncio e ele começou a devorar o animal. Ela manteve certa distância e quando menos esperava, um pedaço da lebre fora jogado entre suas patas.

Ele piscou para ela, enquanto ainda lambia os beiços e disse:

— Vai fundo raio de sol...

— Obrigada... Você é um ótimo caçador!

— Obrigado, mas isto é apenas prática... Se quiser posso te ensinar qualquer hora... — se levantou e continuou a caminhada.

— Eu adoraria! — afirmou corando, pois ficava cada vez mais fascinada por aquele lobo.

3 horas após se alimentarem, eles corriam através de um campo florido e Barbara sorria enquanto dizia:

— Como assim eu não farejei este lugar maravilhoso? É tão perto de onde eu moro.

— Você tem muito a aprender raio de sol.

Os dois pararam e Barbara o desafiou.

— Eu aposto que ganho de você em uma corrida até o outro lado, Sr. Ancião!

— Ora, ora, não faça apostas que não possa ganhar!

— Ora digo eu, está com medo de aceitar é?

— Não tenho medo, só gostaria de saber o que vou ganhar, pois você irá perder com certeza...

— É mesmo? Veremos!

Ela o surpreendeu e disparou em meio ao campo florido.

“Garota esperta! Distraiu-me pra sair na frente... Não por muito tempo!” — pensou e correu atrás dela.

Barbara era rápida, mas devido às pernas mais longas do macho, ele conseguira alcançá-la e quando eles estavam chegando ao final do campo, ele a pegou pela pata traseira e ambos rolaram entre as flores.

— Hey! — ela resmungou e ficara debaixo dele.

— É, pelo visto deu empate... O que eu ganho agora princesa?

— Nada, porque você trapaceou!

Ela o distraiu com seus hipnotizantes olhos da cor do céu e o empurrou para o lado, ficando sobre ele.

— Por essa eu não esperava... — Charles sorriu surpreso.

A loba ficara vermelha feito uma pimenta e congelou quando ele levou uma de suas patas em seu rosto.

— Onde você esteve por todos esses anos?

— O que quer dizer Charles? — ela se sentou e levou sua pata esquerda sobre a dele.

— Mal nos conhecemos, mas estive procurando uma fêmea à sua altura raio de sol...

Ela quase desmaiou de nervoso e se arrepiou quando ele disse:

— Acho que estou apaixonado por você...

— Você não pode! — ela afirmou nervosa e se afastou, sentando-se a alguns metros de distância e de costas pra ele.

Ele se aproximou e cochichou em seu ouvido:

— Tem razão, eu não posso evitar o que estou sentindo por você exatamente agora.

— Não é isto que quero dizer...

— Eu sei o que quer dizer Barbara.

— Não sabe não!

— Você fala demais, sabia? — ele a puxara suavemente para trás, de maneira que a deitou sobre as flores e ela não reagiu.

— É mesmo? Pensei que fosse ao contrário! — ela riu e o empurrava com as patas traseiras, mas sem fazer força o suficiente.

— Engraçadinha... — Charles agachou lentamente sua cabeça em direção ao focinho da fêmea, que imediatamente tapou a própria boca com as duas patas. Ele a encarou, confuso, e ouvi-a dizer:

— É melhor pararmos, estamos indo rápido demais, você não acha?

Charles desviou o olhar e se afastou dela, caminhando em posição oposta, totalmente perdido em seus pensamentos.

— Charles? — ela se levantou indo atrás dele. — Está tudo bem?

— Olha raio de sol, me desculpe se a forcei fazer algo que não queria, ok? Eu devo ter compreendido errado seus sinais, pois pensei que estivesse a fim também...

— Espera, por favor... — ela correu e entrou na frente dele, que parou imediatamente. — Você está absolutamente certo sobre o que eu quero, é só que... Estou apenas pedindo para que possamos nos conhecer melhor, antes de realmente firmarmos isto...

Charles a encarou sério e logo seu sorriso surgiu.

— Sabia que você fica uma graça pedindo as coisas? — comentou e voltou a caminhar.

— Ora seu ancião, eu aqui tentando me desculpar e você aí fazendo piadas! — ela o seguiu.

— Não é piada, você realmente fica uma gracinha! — ele afirmou rindo.

Os dois se entreolharam e sorriram.

— Você, com essa pinta de galã... Quem me garante que não é nenhum lobo psicopata?

— Sua imaginação é incrível princesa... Mas te garanto, está em boas mãos.

— Bom, então me conte mais sobre você, Charles Mool!

— Bem, por onde eu começo...

Eles caminharam aproximadamente 2 horas, até chegarem na fazenda onde Barbara morava e descobriram diversas coisas um sobre o outro, mas os risos cessaram-se ao avistarem a casa, onde o pai dela deveria estar.

— Ai meu Deus... — Barbara observou assustada sua casa, que havia sido queimada e apenas escombros restavam no local.

— Papaiiiii!!! — ela correu até o local gritando e Charles a seguiu em silêncio e olhava ao redor, em busca de alguma emboscada, mas o cheiro dos humanos que passaram por ali, já era fraco. — Cadê você papai? — ela começou a chorar e revirar os escombros carbonizados. Farejou o sangue de seu pai no local onde era a sala de estar e começou a revirá-la dizendo: — Onde está? Onde...

Charles prendeu-a por trás e a abraçou firmemente, pois sabia que os caçadores da região levavam os corpos junto deles.

— Onde... — ela começara a chorar e tentava se soltar dos braços dele, para que continuasse sua busca, mas fora perdendo a força, até que parara de se mover.

— Sinto muito, mas não irá encontrá-lo por aqui...

— Como sabe disso?

— As famílias destes caçadores são cruéis... E...

— Preciso encontrá-lo... — ela o interrompeu. — Por favor, me leve até eles Charles, ele ainda pode estar vivo!

Ele acenou negativamente, pois não queria dar falsas esperanças.

— Sinto muito Barbara, mas a chance disso ser verdade é praticamente zero...

— Você não sabe! — ela começou a lutar para sair dos braços dele, que resistia para segurá-la. — Me solta!

Ele a soltou e disse:

— Pare com isso, você só irá se tortura deste modo.

— Você só pode estar mentindo! — ela rosnou. — Como pode saber de uma coisa dessas?

— Eu... Eu... — lembranças ruins vieram à tona e Charles apenas desviou o olhar.

— Tudo bem se estiver com medo, eu agradeço a ajuda por me trazer até aqui...

— Não é isto Barbara, eles são muito perigosos, eu só te peço para que não vá atrás deles.

— Você não entende, eu preciso vê-lo... — começou a chorar ao lembrar-se de seu pai.

— Eu sei como se sente, mas não vai gostar do que encontrará...

— Muito obrigada pelo seu otimismo! — ela rosnou nervosa.

— Será que não vê que estou tentando ajudá-la, desde que nos conhecemos? acredite em mim, não vá até eles, são muito perigosos!

— Eu já entendi, mas é melhor você ir embora agora, não quero envolvê-lo nisso.

— Deixe de ser teimosa mulher! — Charles rosnou e ela retribuiu o gesto.

— Não se intrometa!

— Se quer assim então beleza, estou indo nessa! — o lobo dera as costas para Barbara.

— Ok então, adeus! — ela rosnara e saiu correndo.

Durante o caminhar de volta a montanha, Charles ficou pensativo.

“Você acaba de encontrar a mulher que tanto ansiava e vai simplesmente deixá-la ir? Acorda seu imbecil!” — disse a si mesmo e se virou, mas Barbara já havia sumido.

Começara a chover, mas as marcas dos pneus ainda estavam recentes. Barbara andou por um longo tempo na estrada de terra, que era pouco movimentada. Alguns quilômetros à frente, a trilha automobilística mudara radicalmente em direção as árvores mais densas do bosque.

Barbara sentia que se aproximava deles e seu coração acelerou. Hesitante, continuou seguindo o barro, que já formavam pequenas poças de água, por causa da chuva, que ficara mais densa. A loba pareceu não se incomodar e já estava encharcada. Há aproximadamente cem metros, avistou luzes em meio a neblina que se formava. Observou todos os ângulos e quando foi correr, sentiu alguém tapar sua boca e a puxar para trás.

— Shhhhh... Sou eu Barbara! — sussurrou Charles. Ele pôde senti-la acalmando-se ao reconhecê-lo e continuou sussurrando: — Vou te soltar agora...

— O que está fazendo aqui? — questionou rosnando.

— Vim te ajudar, oras... Afinal eu os conheço melhor do que você.

— Não precisava ter vindo, eu sei me virar sozinha! — ela afirmou lhe dando um pequeno empurrão com sua pata direita.

Ele deu de ombros e segurou a pata que lhe empurrava. Com a pata livre, Charles apontou para um sino pendurado a uns 30 centímetros do chão, em uma linha amarrada entre duas árvores e retrucou:

— Deu pra ver, se não fosse eu, já teria chamado a atenção de todos do acampamento.

Barbara assustada se dava conta de que havia diversos alarmes ao seu redor. Ela rosnou para as armadilhas e voltou a encarar o lobo encabulada e agradeceu.

— Obrig...

Ele a interrompera, tapando a boca dela e dizendo:

— Não me agradeça ainda, somente depois que estivermos em um lugar seguro... — ela assentiu com a cabeça e ele continuou:

— Vamos chegar mais perto para tentar avistá-lo e depois eu os afastarei, para que se aproxime de seu pai... Me siga! — ordenou e foi andando lentamente, observando cada canto entre as árvores.

— Ficou maluco Charles? Isso é suicídio!

Ele a encarou brevemente e sorriu dizendo:

— Não esquentar raio de sol, eles não vão me pegar! Só me siga, tá bem? — e pensou, voltando a caminhar: “O que não fazemos pelo amor, hm?”

Andando em linha reta, eles se depararam com cinco armadilhas. Há 9 metros do acampamento, eles avistaram um mural encostado em um caminhão. Mesmo com a chuva, Barbara jurou ter avistado orelhas e pelos lupinos atrás daquela parede úmida e sinalizou com os olhos para Charles, que apenas acenou positivamente e foi para o outro lado. Ali ela permaneceu agachada entre a folhagem dos arbustos e em silêncio. Por volta de três minutos depois, escutou uma sequência de sinos do outro lado do acampamento. O barulho chamara a atenção dos cães, que foram soltos pelos caçadores e saíram em disparada ao ruído.

Barbara, lentamente caminhou até seu alvo e observava todos os lados. Notando que a presença de caçadores era praticamente zero, correu até o mural que transbordava um cheiro familiar. A pequena esperança que nela havia, a chuva levava embora, no momento em que fitara o corpo de seu pai mutilado. Estava pendurado com pregos e cordas, como uma espécie de troféu ou isca.

— Papai? — Suas palavras mal saíram e hesitante o tocou na face. — Ai meu Deus, o que fizeram com você? — Tocou a pele gelada, já fazia algumas horas que a vida tinha sido extinta daquele corpo e ela começou a chorar. Voltou a si, quando escutou os latidos dos cães se aproximando e pensou, o tocando pela última vez: “Sinto muito... Adeus papai...”

Quando virou para seguir o mesmo caminho, dera de frente com um caçador e ambos se assustaram. O caçador direcionou a arma para ela, mas fora derrubado pela loba no momento do disparo, que pulou por cima dele e sumira na mata. Barbara correu com todas as forças e pegou uma distância considerável do caçador, mas começara a sentir sua visão turva. Suas patas dianteiras se enfraqueceram repentinamente, devido a uma ardência e dor no seu peito, a fazendo tropeçar. Havia sido baleada. Tentou se levantar mais duas vezes, mas voltou ao chão, se sentindo mais fraca e já perdia a consciência.

“Preciso sair daqui...”, pensou e avistara dois olhos amarelos na escuridão, vindo a seu encontro. “Será meu fim?”, e apagou.

— Barbara! — Charles farejou que ela estava ferida. Tinha despistados os cães, mas mesmo com a chuva, eles sentiam seu cheiro e o som deles ficava cada vez mais alto. — Acorda Barbara! — ele mexera em seu ombro, mas ela não respondeu. — Droga! — resmungou e olhou para trás, esperando visualizar um de seus inimigos, mas nem sinal deles. Enfiou sua cabeça abaixo da pata esquerda da fêmea e com um movimento a colocou em suas costas. Foi em direção a um barranco próximo dali, que dava em um riacho. Carregou-a com dificuldade, por causa da água no terreno, que ficara escorregadio, chegando a cair junto dela uma vez, mas precisou se apressar. Já bem próximo a beirada do barranco, pensou:

“Não há outro meio...”, analisou a altura, que era em torno de 10 metros. Olhou para trás ao escutar os latidos, que ficavam cada vez mais altos. “É agora ou nunca.”, levantou a loba e a segurou firme por trás. “Agente firme raio de sol...”, pensou se jogando abraçado da loba e caíram na água.

Alguns quilômetros riacho abaixo, Charles conseguiu arrastá-la para a margem. Encontrava-se em uma região de seu território. Checou o pulso da fêmea, cada vez mais fraco. Já parara de chover e ele soltara um uivo alto. Em seguida a colocou em suas costas e começou a carregá-la. Segundos depois, ouviu dois uivos em resposta e continuou caminhando. Charles havia batido a cabeça entre as rochas e se sentia zozinho, mas fez seu máximo para prosseguir. Ao avistar alguns lobos de pelagem escura, se sentiu aliviado ao se aproximarem e falou fracamente:

— Adonias, Bianca, Marley, me ajudem a levá-la para aldeia, por favor... E rápido! Ela foi ferida com uma bala de prata... — E os lobos sem

pensarem duas vezes, já foram ajudando os dois e Charles também acabou desmaiando no caminho.

Barbara acordara de repente, mas não se moveu. Sentiu uma leve pontada no peito e levou sua mão até o local, que já havia cicatrizado. Notara que estava em forma humana e olhou ao redor. Era uma cabana bem reforçada e feita de madeira. Sentou-se na cama, com uma camisola branca e perguntou baixinho:

— Onde eu estou? — continuou observando o local e ao olhar para a porta que se abria, notou uma criança sorrir surpresa ao encará-la e correu novamente para fora. Olhares curiosos e tímidos espiavam pela porta entre aberta, até que Charles chegou e estava em forma humana.

— Barbara! Que bom que acordou!

— Charles! — ela exclamou sorrindo e corou ao olhar novamente, para as pessoas da porta fixadas nela e o sorriso cessou-se, se enfiando um pouco abaixo da coberta.

Charles sentiu o desconforto dela e disse:

— Vamos pessoal, deem um pouco de espaço pra ela, assim que ela se sentir a vontade, todos a conhecerão melhor! Irei fechar agora, com licença...

Comentou enquanto encostava a porta e ambos puderam ouvir os cochichos, dizendo sobre o quanto ela era bonita.

O macho se aproximou timidamente de Barbara encabulado, devido aos comentários e disse com um sorriso:

— Me desculpe por isso...

— Tá tudo bem.

— Posso? — questionou gesticulando em direção a cama.

— Claro!

Ele sentara aos pés de Barbara, ainda cobertos e perguntou:

— Obrigado. Como está se sentindo raio de sol?

— Bem, eu acho... Onde estamos e o que aconteceu?

— Aqui é seguro, não se preocupe! Estamos na aldeia da minha alcateia... E você foi baleada e ficou inconsciente por dois dias.

— Entendo... — ela levou sua mão até o local da cicatriz. Lembranças de seu pai começaram a invadir sua mente e começou a chorar.

— Raio de sol, o que foi? — se levantou e chegou mais perto para consolá-la. — Vamos, me diga! — pegou nas mãos dela após limparem as lágrimas.

— Me desculpe...

— Pelo quê?

— Eu devia ter te ouvido... O que fizeram com ele... Foi horrível!

Ele a abraçou e disse:

— Sinto muito Barbara pela sua perda. — ela retribuiu o abraço e ficaram em silêncio por alguns segundos. Ele se soltara do abraço e continuou: — Não sei se serve de consolo, mas uma coisa eu sei sobre eles... Seu pai não sofreu.

— Como pode saber de uma coisa dessas?

— Eu hesitei em ir com você porque... Porque quando mais novo eu... — ele suspirou e continuou: — Eu os vi acabarem com meus pais e irmãs...

— Meu Deus, eu sinto muito Charles!

— Tá tudo bem, já faz um bom tempo... Eu era apenas um garoto na época... Mas impotentemente eu assisti a execução deles, minha mãe havia me escondido no piso de madeira, que era pequeno demais para esconder a todos... Eles executaram cada um deles com uma bala na cabeça, mas as atrocidades que fizeram nos corpos deles foram apenas depois das almas já terem partido. Acredito que seja o método deles. — se levantou e a encarara, notando certa expressão de que ela iria cair em lágrimas a qualquer momento.

— Sinto muito raio de sol, não devia ter tocado no assunto... É só que...

— Tudo bem Charles, eu entendo o que está tentando fazer... Muito obrigada... Se não fosse por você, eu não estaria aqui hoje... Eu só não faço ideia do que farei agora... — começou a chorar. — Não tenho mais ninguém, estou sozinha de agora em diante.

Barbara levava as mãos no cabelo e Charles pegara uma delas.

— Deixa de falar besteiras raio de sol, você não está sozinha... Tem a mim e a todos deste bando, se quiser morar conosco é claro, mas em especial comigo... — ele pegara algo do bolso.

Ela o encarou surpresa ao ver o anel, que ele erguera com a mão livre. Era simples e de madeira, mas com alguns detalhes esculpidos a mão.

— O que é este anel Charles?

— Estou te pedindo em casamento sua boba...

Ela corara e pegara o anel por alguns segundos e logo o colocou nas mãos dele novamente.

— Não posso aceitar...

— Por que diz isso? — a encarou triste.

— Você merece coisa melhor, eu não sou digna de fazer parte de sua família...

— Você só pode estar brincando, certo? — ele a puxou pelas duas mãos e a encarou dizendo: — O que está escondendo raio de sol? Se acha que vou deixar a mulher da minha vida, sair facilmente de minhas mãos? Só se for por uma boa razão! Então comece a falar... Por favor...

Ela deixara escapar algumas lágrimas e começou a falar baixinho, pois os dois estavam bem próximos.

— Lembra quando eu disse, que migramos para cá há algumas décadas?

— O que tem isso?

— Minha família é fugitiva, Charles, há diversos históricos de lobos, que atacaram humanos, desde há algumas centenas de anos... Os primeiros a experimentarem o sangue deles, devem ter passado algo para as demais gerações agirem semelhantes. Somos uma família nômade e grande parte de nós são caçados e eliminados tanto por lobos, quanto por humanos, graças aos nossos ancestrais... O que quero dizer é, que meu sangue não é puro como o de vocês...

Ele a surpreendeu dando-lhe um beijo e disse:

— Acha mesmo que eu me importo com isso? O que me interessa é você raio de sol, independente de onde tenha vindo...

— Por que é tão bom comigo? — ela começou a chorar.

— Eu já disse que estou apaixonado por você! — ele lhe direcionara o anel novamente e ela o colocou no dedo.

Barbara o puxou para um beijo e disse:

— É sim!

Os dois aprofundaram-se no beijo e acariciavam o corpo um do outro. Barbara sentou-se no colo dele. Os corpos de ambos ansiavam algum tempo por aquele momento e com a ajuda dela, Charles abriu sua calça e ali mesmo concretizaram sua união.

Alguns minutos depois, com ambos ofegantes ele disse:

— Você é minha agora e eu sou todo seu! Eu te amo Barbara...

— Também te amo!

Os dois se beijaram e sorriram.

Alguns anos depois.

Era de manhã e o dia estava fresco.

Barbara caminhara para fora de casa, com seu filho de dois anos e meio em seu colo. Andara por alguns minutos dentro da floresta, que rodeava sua casa até chegarem a um campo aberto. Ali ela se sentou em uma rocha e aguardou. John brincava com as flores próximas a eles, até que escutou um uivo longo e olhou para sua mãe afirmando contente:

— Papai!

— Sim querido, vamos até ele? — disse se levantando e lhe estendera a mão.

— Sim! — respondeu e correu até sua mãe.

— Que tal avisarmos que estamos aqui? — ela perguntou a John que afirmou com a cabeça e começou a uivar desajeitado e fora acompanhado de sua mãe, com outro longo e alto uivo.

Outro uivo veio em resposta e Barbara afirmou:

— Muito bem meu amor, ele nos ouviu! — mãe e filho foram caminhando ainda mais pra clareira e alguns minutos depois da resposta do último uivo, Charles surgira em sua forma de lobo e corria até sua família.

— Papai! — John começou a correr em direção a ele. Quando se aproximou o suficiente, pulou em cima daquele lobo enorme, que se jogou no chão ao mesmo momento, fingindo ter sido derrubado pelo filho.

— E aí campeão! Não devia estar dormindo? — Charles perguntou encarando seu filhote, que brincava na pelagem de seu tórax.

John apenas acenou negativamente com a cabeça e sorriu.

— Estávamos sem sono e ansiosos pelo seu retorno... — Barbara disse chegando perto dos dois e agachou para ficar na mesma altura de todos.

— Oi amor! — disse levando seu focinho ao colo dela, que o acariciou e a surpreendeu com uma lambida. Ainda de barriga pra cima, Charles comentou agora, encarando seu filhote:

— Parabéns pelo uivo garotão, está melhorando a cada dia, todos da matilha conseguiram ouvi-lo. John apenas sorriu em resposta e antes que sua mulher pudesse perguntar, Charles continuou: — Pegamos um dos grandes hoje, querem vê-lo?

— Sim! — afirmou John pulando, quando seu pai o colocara novamente ao chão e Barbara assentiu sorrindo.

— Todos a bordo! — disse Charles se ajeitando de maneira, que sua esposa e filho pudessem subir em sua costa.

— Pronto amor! — Barbara afirmou segurando firmemente na pelagem dele e em John.

— Vamos lá então! — e correram ao encontro da matilha desaparecendo entre as árvores.



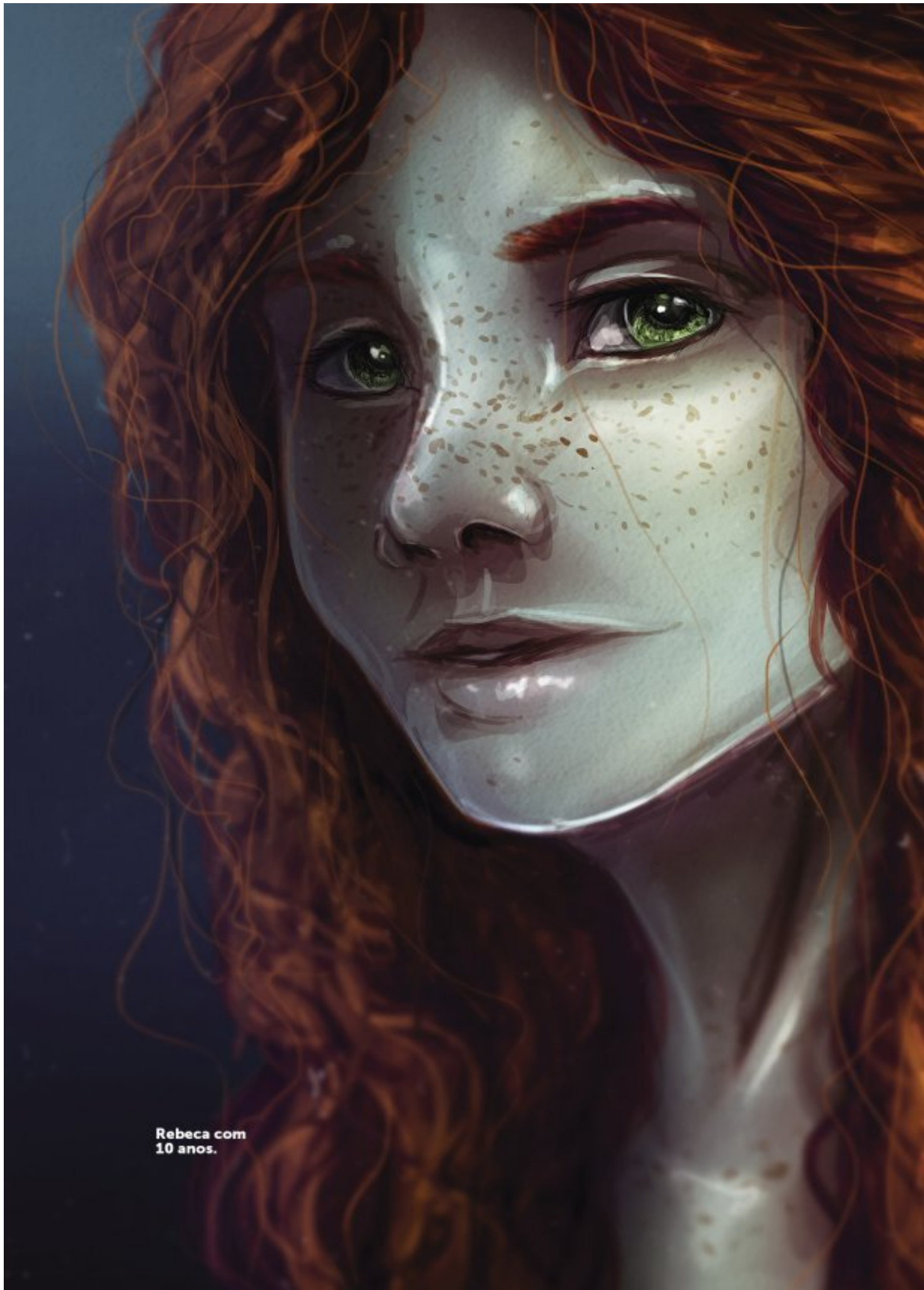
Charles e Barbara



Allec Mool
com 15 anos.



John Mool
com 24 anos.



Rebeca com
10 anos.



Charles, Allec, Barbara e John.

CAPÍTULOS BÔNUS EM VERSÃO COMIC, ATRAVÉS DO SITE: BLOODLYCAN.COM



Charles, Allec
e John.



Charles e seus dois
filhos, Allec e John.

Bloodlycan

A SAGA DOS IRMÃOS MOOL
PARTE 2

Gostou do livro?

Compartilhe sua experiência
com outros leitores! ;)



Facebook: /book.bloodlycan



Instagram: /book.bloodlycan



Skoob: Amanda Scopel



www.bloodlycan.com



